



Ano XXVIII

Diretor:  
CLEMENTE I. RIBEIRO DE ALMEIDA

Casa de Arnaldo, Abril de 1961

Administração:  
Rua 7 de Abril, 264 - 6.º and. - Sala 603  
Tel. 35-4672 - Cx. Post. 4672 - S. PAULO

N.º 98

# editorial

# sobre a representação de alunos

Este primeiro número do ano, como sempre se fez é dedicado aos calouros. Se o editorial não trata de dar as boas vindas, ou tecer alguns comentários sobre a nova fase da vida, em que entram os colegas, recém admitidos em nossa faculdade, é porque nessa mesma publicação outros já se encarregaram de fazê-lo.

Talvez seja um tanto estranho falar em volta de «O BISTURI»; uma vez que com o período de aulas, todos os anos os diversos departamentos do CAOC reiniciam suas funções. Mas «O BISTURI» está na realidade voltando. Depois de uma indiscutível crise, pela qual passou e cujos motivos não de cabe aqui comentar, novamente conta com um corpo de responsáveis entusiasmados e com o apoio da direção do centro acadêmico.

Notamos em conversas ou observando as atitudes de alguns colegas, que o nosso jornal sofreu um processo de desprestígio. Acredito que seja injusto este modo de pensar. Mesmo oscilando, por vezes na frequência e por vezes no valor de seu conteúdo, «O BISTURI» nunca deixou de existir, e tem mantido um nível realmente bom.

Em linhas gerais, a intenção da nova diretoria é manter o jornal dentro dos padrões que já são tradicionais, melhorando-o no que for possível. Para isso estamos nos empenhando em organizar um plano de trabalho para o aperfeiçoamento progressivo de nossas produções. Quanto à orientação tentaremos manter a todo custo a autonomia do jornal. Queremos ser livres, de qualquer grupo ideológico ou estrutura interna da faculdade. Procuraremos um equilíbrio que não é fácil conceituar, e muito menos obter praticamente. O julgamento dos artigos apresentados será feito pela direção, isto é, redatores e diretoria. Mas é preciso que hajam artigos para serem selecionados. Nesse sentido faço um apelo a todos os colegas que possam colaborar, para que não esperem ser designados pessoalmente para apresentar alguma coisa. A evolução do jornal, dependerá mais da boa vontade dos redatores oficiais ou não, que do esforço da diretoria, que tem como função quase exclusiva coordenar e organizar o jornal.

«O BISTURI» terá suas páginas abertas a todos, para ser, não o produto da atividade de um grupo restrito, mas o reflexo do espírito e preocupações, tanto dos alunos como da estrutura viva desta faculdade.

Há já algum tempo que se tenta demonstrar às autoridades do ensino, a importância da representação do corpo discente das Faculdades, junto a todos os órgãos administrativos das mesmas. Pouco ou nada, porém, se tem conseguido; é um absurdo, que a parte mais interessada em todos os problemas que dizem respeito à escola, não seja de regra, consultada, só sendo ouvida com a devida atenção, quando se utiliza de medidas extremas de força. Exemplo disto, temos nas frequentes greves em que se têm empenhado os estudantes ora de um, ora

de outro instituto de ensino superior, na defesa de seus interesses e na luta por um ensino de nível mais elevado.

Faz-se necessário que os senhores professores se convençam, de que os estudantes universitários não são mais moleques que desejam apenas divertir-se e fazer traquinagens, mas sim, cidadãos adultos em gozo de todos os direitos e prerrogativas que a Constituição de nosso país garante. É incompreensível que indivíduos exercendo o livre direito de votar e serem votados, portanto, influenciando diretamente nos destinos da nação, sejam afastados de decisões que a eles dizem respeito.

A justificativa mais frequentemente empregada para explicar tal situação, é a falta de experiência; isto é, porém, completamente falso, pois se aos moços falta prática, esta falta é largamente compensada pela dedicação e pela posse de ideais ainda não desgastados.

Em nossa Faculdade, nossos professores já deram uma prova de sua compreensão destes fatos, quando através da Congregação, manifestaram-se em princípio favoráveis à nossa representação junto a este órgão. Entretanto, devemos lutar muito ainda para que isto se torne realidade, e para que essa representação se estenda ao C. T. A. e a todas as demais Comissões que tratam de assuntos que digam respeito, direta ou indiretamente a nós alunos e ao ensino a nós ministrado.

Temos o direito de expressar as nossas opiniões, defendê-las e mostrarmos atividades escolares e extra-escolares, sob um ângulo que os professores geralmente não podem ou não querem encarar.

Francisco Humberto de Abreu Maffei

fôro no campo da pesquisa científica) são funções básicas de uma Universidade e devem ser realizadas em todos os seus tipos de Faculdades.

## B) Formação Profissional

A formação do profissional capaz (missão da universidade brasileira, a mais bem cumprida, principalmente na U. S. P.) será que atingiu o seu total objetivo? A título de exemplo, como se explicam os movimentos grevistas?

Como se explica o grande número de profissionais que mudam de profissão?

E serão esses profissionais,

dos para uma análise acertada desse momento histórico?

Temos uma realidade física, social, econômica, educativa religiosa a ser conhecida. Os nossos estudos, a nossa pesquisa científica estão voltados para essa realidade, procurando a solução dos nossos problemas?

## III — A UNIVERSIDADE E O COMPLEXO SÓCIO-PO-LÍTICO-ECONÔMICO DO PAÍS PROVOCANDO-LHE

### A) O organismo universitário

A universidade, como um organismo vivo, consegue

540.902 matriculados no curso secundário, 151.001 matriculados no curso técnico, 60.92 matriculados no curso normal, 67.007 matriculados no curso superior.

Tal fato decorre, imediatamente de duas razões:

1) das nossas limitações econômicas. Nossas: — do governo (mal pagamento dos professores, falta de prédios, etc.);

— dos pais de família (os filhos, precisam ajudar na manutenção do lar...)

pedagógica de nosso ensino, principalmente nos cursos primário e secundário (pela falta do ensino universitário, em particular o das Escolas de Filosofia, é o grande responsável).

Assim temos outra causa de distorção das Faculdades — serão os filhos burgueses, com sua cultura acadêmica, os mais aptos para o ensino técnico, para uma preocupação de pesquisa?

Outras causas de distorções poderiam ser lembradas, porém, paramos por aqui. Já temos dados suficientes para vermos as dependências mútuas Universidade-sociedade, formando um círculo vicioso, que conduz tudo para o caos.

Então, se existe tal dependência, teria sentido um esforço para reformar a Universidade ou esperaríamos uma mudança de toda estrutura da sociedade brasileira para, depois, pretendermos ter uma Universidade que desempenhasse integralmente o seu papel?

### IV) ALGUNS PONTOS BÁSICOS DA REFORMA UNIVERSITÁRIA

Começemos pela necessidade de uma tomada de consciência por todo o meio universitário do problema, que implica, necessariamente, no conhecimento aprofundado da realidade brasileira e principalmente da nossa realidade regional.

Daí sairia, já, uma reivindicação concreta para o ensino em nossas Faculdades:

i — Um curso oficial sobre a realidade nacional e regional, ao menos no que diz respeito ao campo de atuação profissional para o qual a Faculdade prepara os alunos. — Quais as condições higiênicas do país? Qual a situação da saúde pública em nossa pátria, em nosso Estado? Quais as "doenças de massa" que temos que enfrentar? Qual a situação do profissional mé-

dico no país, no Estado? Que perspectivas de ação se nos apresentam?

Outra medida completa de nossa luta é:

ii — A democratização de ensino.

Medidas que permitam de fato (não apenas de direito) a entrada em curso universitário de qualquer brasileiro, e não só daqueles brasileiros cujo mérito é devido aos privilégios econômicos de seu berço — expansão e melhoria do ensino primário e secundário, casas de estudante, etc.

Medidas que permitam uma democratização do governo universitário, hoje todo ele absorvido pelo corpo docente, esquecendo-se dos direitos e da capacidade dinamizadora de toda a população discente das Faculdades, assim como do valor crítico dos ex-alunos que vivem na sociedade os ensinamentos recebidos na escola. — Modificação dos componentes dos C. T. A., das congregações e Direções de Departamentos.

Outra reivindicação:

iii — Revalorização da pesquisa científica, voltando-a principalmente para os problemas da sociedade brasileira que exigem, angustiosamente, soluções. — Maiores verbas para o ensino e melhor aplicação das mesmas; professores interessados e preparados para pesquisa, se necessário, vindos de outros países.

Poderíamos lembrar mais alguns pontos, mas terminamos aqui com um pedido aos colegas honestos, que têm o ombreiro de arcar com suas responsabilidades de estudante de medicina e de estudante de uma nação subdesenvolvida, onde os homens devem de ser homens, onde as crianças nem nascem ou, se nascem, morrem nos seus primeiros dias, onde "doenças de massa" continuam sendo causa mortis de uma grande maioria da população.

O pedido é apenas este: comecemos por acompanhar o SEMINÁRIO DE REFORMA UNIVERSITÁRIA, que será realizado por iniciativa do U.E.E. (de 29 de Abril a 5 de Maio) e, na medida do possível, demos nossa colaboração para seu completo êxito.

JOSÉ CARLOS SEIXAS

São Paulo, 7 de abril de 1961.

# reforma universitária: responsabilidade de cada universitário

uma reivindicação da classe — uma exigência da sociedade brasileira

I. R. U.: uma preocupação séria para nós universitários? ou "slogan" demagógico para movimentação de uma política estudantil desequilibrada?

Uma resposta global e aceitável para o nosso meio exigiria uma explanação muito ampla. Implicaria em abordar, inclusive, o problema da responsabilidade socio-política dos universitários em um país subdesenvolvido como o nosso. Porém, tenho que me limitar a um artigo e, não respondo, principalmente porque creio no bom senso dos que me leem para, numa reflexão séria, poderem individualmente responder, com acerto, à questão acima.

Julgo, mesmo, não ser preciso nos aprofundarmos demais em nossa reflexão, uma vez que o problema da Reforma Universitária, englobando um conjunto de interesses para toda sociedade brasileira, atinge diretamente interesses de nossa classe universitária, os quais já nos devem ter sensibilizado suficientemente.

Com o fito, apenas, de nos prepararmos para uma leitura crítica do resto do artigo, vamos a umas poucas perguntas:

Alunos que somos de uma Faculdade, sentimos-nos integrados a um Instituto Univer-

itário? Já sentimos o ensino de nossa Faculdade inserido numa unidade de ensino superior do nosso país?

Conhecemos, ainda que teoricamente os fins de uma Universidade?

O ensino que recebemos vem como um instrumento para resolvermos as dificuldades e exigências de progresso do homem brasileiro? Dificuldades e exigências apresentadas pela atual realidade nacional e mundial?

## II — DOS FINS DA UNIVERSIDADE

### A) Transmissão e desenvolvimento do saber

Recebemos, percebemos nós o fornecimento em nossas Faculdades de uma cultura? Que tipo de cultura, de saber? Será uma cultura viva, isto é, um repertório de idéias e de crenças que sustentam a vida de um povo e orientam a sua conduta? Ou, será apenas uma transmissão, pura e simples, de um amontoado de dados e estudos que devem ser memorizados?

Sentimos nas nossas Faculdades a importância de uma verdadeira investigação científica? Recebemos aquela base mínima de conhecimentos que nos oriente e nos estimule para uma pesquisa? Quantos de nós já não sentimos desânimo frente a um trabalho de pesquisa, já no seu início, quando da simples coleta de dados já conhecidos?

Pois bem, a transmissão de uma cultura (cultura viva) e seu desenvolvimento (só possível por um grande es-

hoje formados, que o meio está a exigir?

A quantas anda a formação de geólogos, economistas, sociólogos?

O médico no Brasil recebe uma formação profissional para o trabalho numa sociedade super ou subdesenvolvida?

### C) Missão Social

A consciência dessa missão essas consequências que dela advêm é que nos parecem as grandes ausentes da universidade brasileira.

A universidade deve ter uma autêntica função diretora dentro de um país. E, evidentemente, tal direção deve ser desempenhada, não através de uma dependência ou de um domínio dos poderes públicos (Legislativo, Judiciário, Executivo) mas, garantindo a sua autonomia, deve dirigir a nação na medida em que formar e se tornar a "inteligência brasileira".

Como se faria isso? Não estaria nossa universidade cumprindo com essa tarefa?

Não precisamos refletir muito para decretarmos a falência quase total de nossa universidade nessa sua missão social.

Qual a consciência de nosso profissional quanto à realidade brasileira, mesmo no seu campo de ação?

Quando pensamos em nossa profissão frente à realidade do momento histórico pelo qual passamos? A nossa faculdade nos fornece da-

# aula inaugural - prof. junqueira

Tocou-me a vez de falar a vocês, moços, e dirijo-me principalmente aos recém-ingressos nesta Faculdade, na aula inaugural do curso médico. Aproveitarei a ocasião, mais para conversar sobre a nossa Faculdade e tentar esclarecer-lhes certos pontos, do que fazer uma análise mais detida sobre problemas universitários, como tem sido feito nos últimos anos.

Tenho a pretensão de julgar que se os senhores alunos levarem em consideração estas palavras e agirem de acordo com elas durante o curso que os espera, ter-se-á tentado um passo a favor do progresso desta Faculdade e do Ensino Médico entre nós.

Assim é que a primeira observação que lhes tenho a fazer é que não se deixem embalar pelo sucesso obtido ao entrar na Faculdade, após um exame ao qual concorreram 1.370 candidatos. Esta atitude de auto-satisfação, usualmente acompanhada por auto-suficiência, faz os calouros julgarem com demasiado otimismo as suas capacidades e subestimarem as dificuldades que os esperam durante o curso médico. Tudo conspira para lhes dar uma falsa impressão das coisas. O fato de existirem 1.370 candidatos leva a pensar que se tratou de exame muito rigoroso, o que de fato não foi. Este número de 1.370 é realmente um número fantasma, pois tenho a convicção que neste meio não existem mais do que 400 indivíduos com um mínimo de conhecimento básico compatível com o exercício da profissão médica...

O ensino universitário é de molde diferente daquele a que os senhores estão acostumados e, para muitos, a tendência é não manter a matéria em dia, devido ao fato de não se exigir periodicamente a aferição dos seus conhecimentos através de sabatinas, etc. Todos estes fatores e mais a natural cansaça post-exame conspirem contra os calouros, levando-os a uma falsa sensação de segurança que os faz acordar com susto só no segundo semestre e os leva, nas vésperas do exame, a uma corrida aos livros, altamente prejudicial.

Aliás, se me permitem a expressão, é a "virada" a maior praga de todo o ensino em qualquer nível, entre nós. Esta prática que recebemos de nossos antecessores lusos, pois as crônicas estudantis de Coimbra se referem com frequência a ela, tem que ser extirpada mais cedo ou mais tarde, a bem da Educação entre nós. A

maneira rápida e eficiente de fazê-lo seria adotar o sistema de exigir um exame ao finalizar o curso médico, exame este referente a todas as matérias do currículo. O aluno, ao estudar um assunto convicto de que esta matéria lhe seria exigida 5 anos mais tarde, passaria, com certeza, a fazê-lo intensa e conscientemente.

Falemos um pouco, agora, do papel dos alunos no processo da Educação Médica. O fato é que a "Educação Médica", expressão que prefiro à de "Ensino Médico" pois exprime melhor os meus conceitos a este respeito, é a resultante da colaboração bilateral entre corpo docente e discente e, que, sem ela, não pode haver progresso. Este ponto da iniciativa dos alunos é importante por suas repercussões sobre o ensino. Na realidade, a educação que cada estudante pode receber da Universidade depende tanto dos alunos como dela própria. As antigas universidades medievais eram associações, ou melhor, corporações de professores e alunos e até hoje o termo universidade não pode ser outra coisa. É preciso que o corpo discente adote uma atitude de crítica e trabalho construtivos, pois sem muito trabalho nada se faz de grande e duradouro.

Minha experiência em assuntos referentes ao que eu chamaria de Ecologia Estudantil mostra um fato muito interessante. O conceito que os alunos têm sobre a Faculdade sofre variações rítmicas que, em média, poderiam ser expressas pelo gráfico anexo, isto é, no período pré-Faculdade, o conceito é elevadíssimo, talvez até exagerado. Após os primeiros meses, levados pela observação apenas de suas falhas, aliada ao exagero e natural tendência iconoclasta da juventude, a opinião que passam a fazer da Faculdade é de pouco elogiosa. É o que chamo a época da dúvida corrosiva de tudo e de todos. Apenas com o amadurecimento e a experiência é que volta o equilíbrio e os alunos começam a ver realmente os lados positivos e, digamos de passagem, os muitos lados positivos da nossa Faculdade. Uma das experiências mais saudáveis neste sentido é a visita que os alunos fazem a outras escolas do Continente. Ai, então, com os próprios olhos, podem constatar quais as nossas qualidades e nossos defeitos. O conceito que passam a ter é então mais equilibrado e realista, entrando a sua crítica na fase construtiva.

O que muito contribui para desvalorizar a Faculdade diante dos alunos é o fato de ser o ensino médico, entre nós, gratuito e sabemos que há uma tendência humana para desvalorizar tudo o que é gratuito (caso da socialização da medicina). Ensino gratuito, só para os pobres.

Mais uma palavra aos calouros: é costume os senhores se orientarem por informações de seus colegas mais velhos, informações estas que filtram dos anos superiores aos inferiores, motivando em grande parte a conduta dos alunos durante o curso, o seu julgamento sobre os professores, etc. É o que eu chamaria de folclore estudantil. Cuidado com este folclore. Ele quase sempre representa uma interpretação unilateral e altamente pessoal das coisas e orientar-se por ele poderá representar um atraso ou dificultar o seu curso.

Faço-lhes agora uma sugestão que considero de fundamental importância e se tivesse que lhes dar um único conselho durante todo o curso, seria este, sem dúvida, o escolhido:

É hoje ponto pacífico, sobre o qual não se discute, que a medicina é uma ciência que se baseia em metodologia científica, a maior parte dela experimental. Decorre desta simples afirmação acima enunciada, que os senho-

res, para serem verdadeiros médicos na acepção da palavra e não meros enfermeiros ledores de bulas, precisam conhecer bem a metodologia científica. Há, porém, uma só maneira de aprendê-la: é trabalhando nos laboratórios, com indivíduos qualificados e categorizados. Infelizmente não se aprende metodologia científica nos livros, apostilas e apontamentos de aulas. É necessário arregaçar as mangas, ir ao laboratório e viver os problemas, analisar as variáveis de uma experiência, trabalhar no seu significado estatístico, para poder saber honestamente o que se está fazendo e que resultados se estão obtendo. Sem esta visão crítica não estará o médico capacitado para analisar a literatura a respeito dos méritos ou não de uma terapêutica nova que, nós sabemos, surge a cada instante. O atestado da falência da parte de nossa classe médica é o enorme sucesso que têm certas terapêuticas da moda como, por exemplo, princípios antitóxicos do fígado, novocainas, etc., para a indicação dos quais não existe base científica. Esses produtos farmacêuticos, vários dos quais foram oficialmente proibidos em diversos países, e portanto, lá não existem, são bons só para o bolso dos seus fabricantes.

O médico que não conhece bem e não viveu o problema da metodologia científica ao menos uma vez na sua vida, é incapaz de separar o joio do trigo, não merecendo nem o nome de médico. Esta iniciação, digamos de passagem, deverá ser preferentemente feita durante os 3 primeiros anos do curso, enquanto os senhores têm tempo e frequentam as cátedras básicas. Nos anos seguintes, se bem que possível, o acúmulo da rotina clínica torna este aprendizado mais difícil, penoso e pouco prático.

É preciso porém, meus senhores, que a nossa Faculdade seja interpretada dentro da realidade social brasileira, da qual ela não poderia — nem que quizesse — se furtar por motivos de Ecologia Social. Estamos numa época em que se fala muito em desenvolvimentismo, industrialização intensa, esquecendo-se os nossos dirigentes, que meia dúzia de fábricas de automóveis e prédios reluzentes não fazem uma nação e que somos ainda, por força de circunstâncias históricas, um país subdesenvolvido, cuja pesquisa científica sistemática começou nos primeiros anos deste século e onde a primeira Universidade foi fundada na década dos 30, portanto, há menos de 30 anos. Não temos pois, mais de 60 anos de ciência. Se compararmos isto às Universidades europeias em pleno vigor e viço no século XVI, ou às americanas, fundadas no século XVIII, nos será fácil compreender o nosso atraso. Mesmo países como o Japão, que iniciou seu desenvolvimento científico mais recentemente, evoluiu incomparavelmente mais rápido do que nós, pois suas classes dirigentes souberam compreender logo a fundamental importância que teria a ciência e a tecnologia para a evolução do seu país. Não nos coube, infelizmente, a mesma sorte, pois fomos até há pouco tempo dominados por uma oligarquia intelectual que teve como primeira fonte de inspiração a cultura portuguesa, que, no dizer do eminente historiador luso A. Sérgio (Ensaio, Tomo II, pp. 18-20, Lisboa, 1929), não teve renascimento, permanecendo na idade média.

A outra grande influência cultural que sofremos foi a francesa, mas, por desgraça, não a cultura luminosa de Claude Bernard, de Pasteur, de Zola, mas parece que nos interessamos mais pela "cultura" da vida mundana dos Champs Elysées e da "belle époque". A consequência disto explica o triste estado de coisas culturais e técnicas

entre nós. Explica, por exemplo, como é que uma disposição expressa da constituição do Estado que manda aplicar 1/2% do orçamento estadual no nosso desenvolvimento científico, ficou nas gavetas de vários governadores, entre os quais um professor universitário, durante 14 largos e decisivos anos! E, até hoje, apesar de sancionado por lei, continua inoperante... Explica porque os charlatães e demagogos conseguem grandes verbas e custosos edifícios, enquanto os verdadeiros cientistas, reconhecidos internacionalmente como tais, continuam lutando com a falta de verbas, que chegam a ser ridículas diante dos gastos espetaculares dos pseudo-dirigentes. Infelizmente, as nossas classes dirigentes se portam como se não possuíssem cultura suficiente para ver além das manchetes de jornais, manchetes estas feitas na maioria das vezes por indivíduos apenas interessados no sensacionalismo. Estamos em um país onde o Conselho Nacional de Pesquisas, órgão da Presidência da República, e, por definição, núcleo orientador do nosso progresso científico, recebe verbas irrisórias, muito menores do que as de qualquer autarquia. Basta lembrar, por exemplo, que essa entidade recebeu, para fomentar a investigação em todos os setores científicos e tecnológicos do Brasil em 1959, a quantia de Cr\$ 270.000.000,00, que se reduziram na realidade a Cr\$ 202.000.000,00, pois o Ministério das Finanças recusou-se ao pagamento integral de seu orçamento. Isto equivale a 1/5 do orçamento da Universidade de S. Paulo para 1960! Felizmente já se vislumbra no horizonte um pouco de bom senso; já se fala em assessoria científica do Presidente da República, etc.

É nesta constelação de fatores ambientais que os senhores devem situar, com realismo e sem falsas ilusões, a nossa Faculdade, que brilha como um exemplo de padrão moral e de abnegação. Para se ter uma idéia das condições de trabalho na Faculdade, basta dizer que um professor catedrático tem salário equivalente ao de um Capitão da Força Pública e que um médico recém-formado, que trabalhe no Hospital das Clínicas em regime de 8 horas por dia, sem prejuízo de sua clínica particular, ganha um pouco mais que um professor catedrático em regime de tempo integral!

O que me pasma é que ainda exista quem queira se dedicar à ciência ou quem persista na carreira de investigação entre nós. Se não é fato, ao menos tem-se a impressão que tudo é feito para prejudicar de modo sistemático e frontal o nosso desenvolvimento científico. Não é à-toa, meus senhores, que uma estatística revelou, recentemente, que existem mais físicos brasileiros radicados no exterior do que no país e que certas cátedras têm vagas para Assistentes, que não se preenchem há anos...

Não quero que pensem que estou sendo pessimista, ao contrário, estou lhes dando uma visão otimista das coi-

sas, pois até agora não toquei e não irei além de uma referência sobre o cancro que corrói até o presente a nacionalidade. Refiro-me à corrupção que ainda campeia, quase sem exceção, mais ou menos veladamente na grande maioria dos setores de nossa vida pública. Alia-se a isto uma desfibrinação da nacionalidade desfibrada onde a tolerância e glorificação do peculato são tidos como bom tom ou então como sentimento de bondade. Para manter-se com firmeza de propósito, entusiasmo pelo trabalho e puro nas suas intenções e atos diante deste quadro, é preciso ter uma fibra excepcional, e para aqueles que o conseguem nesta conjuntura, vai o meu respeito e a minha admiração.

Pois bem, meus senhores. Apesar de trabalhar com os percalços acima vistos, mantive a nossa Faculdade um padrão de moralidade na sua vida escolar, administrativa e financeira. É este um patrimônio do qual devemos nos orgulhar e proclamar em bom som, e graças a isto, não necessitamos de manchetes para nos fazer conhecidos e respeitados.

Sou consciente de que não é perfeita a nossa organização. Aliás, onde existe uma Faculdade de Medicina perfeita? — e que as imperfeições existentes são frequentemente fruto de incompreensões e deficiências dos seus elementos, mas é só em um ambiente de continuação e sôbria vigilância, em ambiente de crítica construtiva e trabalho mútuo que conseguiremos vencê-las e progredir sempre.

É com tristeza que vejo que o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, que conta com tantos departamentos trabalhando com eficiência, não tem um grupo que se inte-

resse continuamente pelo assunto número um da agenda de um estudante sério e bem intencionado, isto é, a Educação Médica. É melancólico ver-se as páginas d'O Bisturi, órgão oficial dos estudantes, cheias de artigos sobre Reforma Agrária, Petróbrás, etc., escritos por alunos que não podem ter sobre estes complexísimos assuntos, idéias definidas e abalizadas, quando deveriam estar analisando, sôbria e serenamente as condições nesta Faculdade, sugerindo melhoria e colaborando com o esforço geral.

As tentativas auspiciosamente iniciadas pelo CAOC há alguns anos não foram adiante e urge reavivá-las.

Que isto é possível, que os alunos têm reserva e fibra necessárias para tal empreendimento renovador, não só sei, como tenho certeza, haja vista a resolução que tomaram de suprimir o trote, há anos atrás, resolução esta na qual o CAOC foi o primeiro, dando um exemplo louvável e digno das suas tradições.

Não há dúvida de a cessação das humilhações e brincadeiras de mau gosto, frequentes durante o trote, era uma necessidade premente e a sua adoção é motivo de orgulho para toda a Faculdade.

Porque não se organiza, anexo ao CAOC um grupo de estudos sobre Educação Médica que colabore em caráter permanente com o corpo docente desta Faculdade, demonstrando o interesse real dos alunos por nossos problemas justificando assim, na Congregação, de maneira convincente o assunto que pleiteiam há tempos?

Conclamo pois o corpo discente desta Faculdade a reavivar o ideal universitário multiseccular e iniciar uma colaboração mais intensa e íntima para que trabalhem de mãos dadas, frente erguida, superando os percalços ambientais e assim possamos manter e ampliar cada vez mais a obra de Arnaldo.

## Hospital 9 de Julho

- CIRURGIA
- CLÍNICA MÉDICA
- MATERNIDADE

Rua Peixoto Gomide, 625

Telefone: 36-6955

São Paulo

## ALVES, SILVA & CIA. LTDA.

Comissários e Exportadores

Enderço:

Praça dos Andradas n.º 12 16.º andar

Conjuntos 1 e 2 - Edif. Rubiaceia

Fones: 2-8929 e 2-2570

End. Telegr.: «Alvesi» — Santos

NOVATROPINA

LABORATÓRIO STEG SINTÉTICO

FILINASMA

### EXPEDIENTE: "O BISTURI"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua 7 de Abril, 264 6.º andar - S. 603 - Tel. 35-4672

#### REDAÇÃO:

Av. Dr. Arnaldo N.º 1 Tel. 52-1729 S. PAULO

Diretor Responsável: José Knoplich

Diretor Clemente I. R. de Almeida  
Vice-Diretores Paulo Alexandre Abrahamsohn  
Isaias Marcelo Gandelman

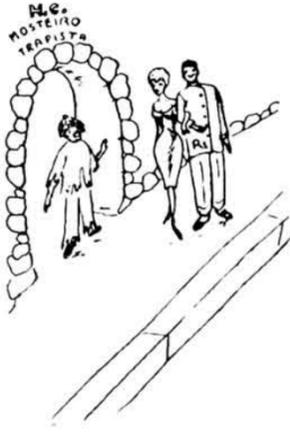
#### Redatores

Artur J. C. de Almeida  
Humberto C. Morais Novais  
Jacyr Pasternak  
Joaquim A. de Souza Junior  
José Carlos Seixas  
João Yunes  
Desenhistas Marizilha Barreto  
Fotografia Sinesi Toma Shoji Tojo



# o interno

Salomão A. Chaib



ção, fazendo os curativos, acompanhando pari-passu sua evolução, controlando o pulso, a pressão arterial, a temperatura.

Mas não termina aí a odisséia: deve obedecer aos R-1 (médicos residentes de 1 ano) receber ordens dos R-2, é dirigido pelos médicos auxiliares, chefiado pelos assistentes, instruído pelos chefes de grupo, orientado pelos chefes das alas e comandado pelos professores. Ness torvelinho de ordens e contra-ordens não deverá esquecer de que precisa estudar, preparar-se para a residência, atualizar-se nos conhecimentos.

Internato e residência: quanto significam de sacrifício, dedicação, idealismo, idoneidade. Anos que marcam indelévelmente a formação desta magnífica geração dos discípulos de Hipócrates. Ai moldam o caráter sólido, a

Há pouco tempo uma greve original passou despercebida à maioria do público. Os internos do Hospital das Clínicas declararam-se em greve pleiteando... um lugar onde dormir e tomar e banho. O regime do internato representa a maior revolução do ensino médico nestes últimos 50 anos. Sua superioridade foi posta à prova no último conflito quando nos hospitais da Europa os médicos das Universidades que exigem residência, principalmente norte-americanas, mostraram-se muito mais capazes do que os europeus que ainda se norteavam pelo regime de grupos fechados. Desde 1956 a Faculdade de Medicina de São Paulo adotou o novo regime, através do qual foi praticamente extinto o sexto ano médico, transformado em ano de internato. No último ano, como interno, o aluno faz rodízio por todas as clínicas especializadas do Hospital. Ai toma contacto direto com o doente, tira-lhe a história, redige a, faz o exame clínico completo, diagnóstica, pede os exames subsidiários necessários, interpreta-os, participa das operações e da terapêutica. Em 30 dias, vendo diariamente doentes da mesma especialidade, assistidos diretamente pelos mais antigos, esses doutorandos, ao se formarem, possuem as noções básicas essenciais que lhe permitem orientação segura, honesta e eficiente na vida prática. Graças ao grande número de doentes que buscam o Hospital das Clínicas, praticamente de todo o país, e a obrigação que têm esses internos de aí permanecer durante as 24 horas, ao fim desse aprendizado intensivo, seja prático, seja participando das aulas e conferências, terão adquirido experiência equivalente a pelo menos 5 anos de prática médica extra-hospitalar. Para se ter idéia de volume do aprendizado, basta dizer que, ao fim da residência, cada um deles realizou ou auxiliou mais de 500 operações.



moral consciente, o senso de suas enormes responsabilidades para com o próximo e com a Pátria. Aprendem a discernir os valores reais da vida do supérfluo e do fácil. Numa época em que os jovens «bem» degradam-se na amoralidade suicida à «dorian-gray», eles exuberantes de seiva, fecham-se em reclusão monástica, num domínio superior dos sentidos, prevalência absoluta do intelecto e da razão. A todos, internos e residentes, os vossos mentores, responsáveis por uma parcela de vossa formação, vimos dizer que nos orgulhamos de vós, como de nossos filhos.

Nesses dias em que, juntos, forjais vossa alma na tempera de um trabalho sobre-humano, destes-nos a certeza de que sois uma reserva moral inesgotável, garantia de um destino melhor para as gerações vindouras.

Sabereis transmitir-lhes o facho do amor à ciência, à dignidade e sobretudo, do amor ao próximo, que recebestes de nossas mãos. Por toda a vida, vosso título mais honroso será o de «ex-interno do Hospital das Clínicas da Faculda-

dade de Medicina de S. Paulo.

E' ele quem surpreende qualquer ocorrência súbita, quem toma as primeiras providências, quem aciona a enfermagem, quem sai a correr até a farmácia para o remédio urgente, quem atormenta os técnicos de laboratório, os radiologistas, a fim de obter com antecipação um resultado esperado. Recordo-me daquele doente em estado grave, operado no Pronto Socorro, a qualquer momento podendo ocorrer complicação que, não atalhada a tempo, custaria a vida. Ao interno foi dada a incumbência de cuidado durante as 24 horas. As três horas da madrugada, inquietos, fomos visitá-lo e lá estava ele, o interno, girando em volta ao leito, controlando o sangue, perscrutando qualquer anomalia. Jovem, barba ainda azulada, mas sério (côncio da grande responsabilidade que lhe pesará sobre os ombros por toda a vida, no divino sacerdócio da medicina. As 7 horas da manhã já irá instrumentar uma operação; às 10 horas acompanhará a visita geral do professor; responderá pelos papéis, exames solicitados, preparo do doente, colheita de material. Nessas visitas, barbu e tressnoitado, recebe solicito, «sim, senhor, sim senhor», mais ou menos ordens assim: «Tire a história completa desse doente e o exame físico e descreva minuciosamente o tumor», «depois peça os exames de rotina», «leve o doente ao eletrocardiograma, ao radiologista, ao endoscopista e obtenha esse relatório para amanhã», «bata à máquina toda a história e os exames que devem estar prontos amanhã», «faça um resumo de tudo, à máquina, nessa folha própria, e a seguir um resuminho também à máquina nessa outra folha», «colha o sangue para ver o tipo, vá buscar sangue no Banco e aplique-o hoje mesmo», «faça o curativo daqueles outros», «o doutor X esqueceu de descrever a operação, procure-o e obtenha a descrição e a seguir bata a máquina», «avise ao serviço social que esse doente vai ter alta amanhã e prepare todos os papéis e deixe tudo em ordem para a alta», «fique hoje o dia todo treinando a maneira de instrumentar a operação de amanhã e arrumar os ferros na mesa», «faça uma revisão dessas duzentas observações de icterícia, para um trabalho a ser publicado» «y otras cosas más».

de Medicina de S. Paulo. E' ele quem surpreende qualquer ocorrência súbita, quem toma as primeiras providências, quem aciona a enfermagem, quem sai a correr até a farmácia para o remédio urgente, quem atormenta os técnicos de laboratório, os radiologistas, a fim de obter com antecipação um resultado esperado. Recordo-me daquele doente em estado grave, operado no Pronto Socorro, a qualquer momento podendo ocorrer complicação que, não atalhada a tempo, custaria a vida. Ao interno foi dada a incumbência de cuidado durante as 24 horas. As três horas da madrugada, inquietos, fomos visitá-lo e lá estava ele, o interno, girando em volta ao leito, controlando o sangue, perscrutando qualquer anomalia. Jovem, barba ainda azulada, mas sério (côncio da grande responsabilidade que lhe pesará sobre os ombros por toda a vida, no divino sacerdócio da medicina. As 7 horas da manhã já irá instrumentar uma operação; às 10 horas acompanhará a visita geral do professor; responderá pelos papéis, exames solicitados, preparo do doente, colheita de material. Nessas visitas, barbu e tressnoitado, recebe solicito, «sim, senhor, sim senhor», mais ou menos ordens assim: «Tire a história completa desse doente e o exame físico e descreva minuciosamente o tumor», «depois peça os exames de rotina», «leve o doente ao eletrocardiograma, ao radiologista, ao endoscopista e obtenha esse relatório para amanhã», «bata à máquina toda a história e os exames que devem estar prontos amanhã», «faça um resumo de tudo, à máquina, nessa folha própria, e a seguir um resuminho também à máquina nessa outra folha», «colha o sangue para ver o tipo, vá buscar sangue no Banco e aplique-o hoje mesmo», «faça o curativo daqueles outros», «o doutor X esqueceu de descrever a operação, procure-o e obtenha a descrição e a seguir bata a máquina», «avise ao serviço social que esse doente vai ter alta amanhã e prepare todos os papéis e deixe tudo em ordem para a alta», «fique hoje o dia todo treinando a maneira de instrumentar a operação de amanhã e arrumar os ferros na mesa», «faça uma revisão dessas duzentas observações de icterícia, para um trabalho a ser publicado» «y otras cosas más».

boletim do

c.a.o.c.

procure semanalmente seu exemplar no porão.

## Otica Nova América

### ROCHA & MALHO

PRAÇA JOÃO MENDES 15

TELEFONE, 33-3088  
SÃO PAULO

AOS NOVOS MÉDICOS DA

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

AS HOMENAGENS DO

### LABORATÓRIO ZAMBELETTI S. A.

Rua Albuquerque Lins, 480 — Tel.: 52-1148/9 — S. Paulo

# segunda bandeira científica do c.a.o.c.

Os tempos voltam atrás seus olhos, buscando bons exemplos no passado. E assim o foi, ao tirarmos dos históricos bandeirantes, o sentido de penetração no desconhecidos, na procura de um alvo como meta. Para eles, alvo-fim, para nós alvo-meio.

Deslocando-nos ao Pará a fim de verificar a influência da Estrada de Gerro Belém-Bragança na transmissão da Esquistossomose, nada mais atingíamos do que um simples meio, a partir do qual medidas saneadoras tenderão à melhoria do nível de vida das populações atingidas.

E' longa a narração. Tão somente quinze dias separaram os — lenços ao ar — das duas despedidas, geograficamente tão distantes. No entanto, quinze páginas não bastariam para os agradecimentos aos colaboradores da empreita vitoriosa. Figuras como o Dr. Leônidas de Melo Deane, Livre-Docente na regência da Cátedra de Parasitologia, não se agradecem, simplesmente, mas se vene-

ram. Dificilmente poderemos receber tantos exemplos de incansável espírito de luta, de amor à causa médica, de dignidade humana.

Tampouco é puramente um mestre o Dr. Luiz Rey, assistente da mesma Cadeira mas o amigo que dentro de si encerra a vontade da prática do bem e do enaltecimento científico: orientou a outra turma, a de Recife. E lista continuaria.

Tôda a viagem foi coberta pela Força Aérea Brasileira, com aviões especialmente designados, «em missão extra»; escalas em Brasília, Porto Nacional (pernoite), Conceição do Araguaia.

Recepcionados à chegada, dirigimo-nos em ônibus da Escola de Agronomia do Pará — que nos foi gentilmente cedido pelo tempo da Bandeira — ao Hospital Naval, onde admiramos a tendência progressista da Medicina Maranhense.

Visitamos sucessivamente a Faculdade de Medicina, do Departamento Nacional de

Endemia Rurais (DNRu), o Instituto Evandro Chagas, o Laboratório de Vírus, o Instituto Agronômico do Norte, a Escola de Agronomia, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), o Posto de Pesquisas do quilômetro 92 da Estrada Belém-Brasília, o Museu Goeldi, a Estação Experimental de Borracha, o Governador do Estado, além de, em viagem fluvial de seis horas, pelo braço sul do rio Amazonas e pelos igarapés, a cidade Abaetetuba, em visita ao posto Médico-Modelo do SESP do Pará.

Para o trabalho, os vinte bandeirantes foram divididos em grupos de cinco, denominados I, II, III, IV.

De Belém foram deslocados, respectivamente, para as cidades servidas pela Estrada de Ferro Belém-Bragança: Castanhal, São Miguel do Guamá (desvio em rodovia), Capanema, Bragança; viagens estas realizadas com 4 veículos Willys (2 do DNRu e 2 do SESP), que conosco permaneceram ao longo da temporada. Um jipe conduzindo o Dr. Deane verificava o andamento de nossas atividades de uma cidade à outra, durante os dias que lá permanecemos na distribuição e colheita de dois mil frascos, contendo material fecal das zonas rurais e urbanas.

De retorno a Belém, foi feita a colheita de material do inquérito de filialose do DNRu. Em outra ocasião, foram procurados Planorbídeos e acondicionados.

Na Belém-Brasília houve observação de trabalho de campo sobre arborvíroses e zoonoses parasitárias, além de capturas de insetos vetores de moléstias, entre os quais Phlebotomus e Anopheles.

E' um resumo do roteiro seguido, que dá a idéia do volume e valor da II Bandeira Científica do CAOC no Pará.

Nos próximos comentários serão, por vários colegas, desenvolvidos cada item, com análises político-administrativas, socio-econômicas e médico-sanitárias.

PAULO SOGAYAR

## levantamento parasitológico da favela do tatuapé

Mais uma vez, os alunos da FMUSP, a par de seu curso de parasitologia, tem-se interessado em por seu aprendizado em prática, através de realizações como bandeiras científicas ou levantamentos parasitológicos em favelas. Com isto, visa-se concretizar o estudo teórico-prático do curso, a abertura de problemas médico-sociais, o contacto com a realidade brasileira, alertando-nos para o exercício profissional.

É o que aconteceu com a 46.a turma, atual 4.o ano, que durante o seu curso de Parasitologia iniciou um trabalho de interesse científico e social, através de um levantamento parasitológico feito na favela do Tatuapé.

Devemos este trabalho aos esforços e pujança do Dr. Luis Rey e aos nossos cole-

gas que não mediam esforços para o término deste levantamento.

Para isto foram coletados na favela, fezes de 744 pessoas, cujo material foi submetido a exame microscópico correspondendo a 1.488 lâminas que foram examinadas nos laboratórios do Departamento de Parasitologia da FMUSP, com a obtenção dos seguintes resultados:

- Áscaris: 434 pessoas.
  - Ancilóstoma: 223 pessoas.
  - Tricocéfalos: 277 pessoas.
  - Schistosoma: 39 pessoas.
  - Hymenoleps: 27 pessoas.
  - Negativos: 142 pessoas.
- Após estes resultados, todos os favelados com parasitose foram medicados pelos colegas, através de medicamentos que nos foram oferecidos pelos laboratórios: JOÃO YUNES

# Tetrin

N-(pirrolidinometil) tetraciclina

derivado de síntese da tetraciclina

## 2500

vêzes mais solúvel para uso injetável

### VANTAGENS DO I.M.

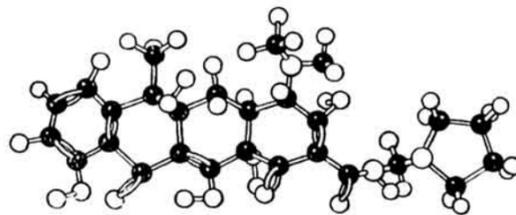
Injeções menos dolorosas que as demais tetraciclina  
Absorção rápida eficaz no local da aplicação  
Níveis sanguíneos elevados e duradouros  
Uma única injeção diária

### VANTAGENS DO I.V.

Níveis sanguíneos elevados e duradouros  
Injeção direta na veia\* (350 mg em 10 cm<sup>3</sup>) em apenas 2 minutos  
Completamente indolor  
Sem os inconvenientes das injeções demoradas (gota a gota)

apresentações:

- TETRIN ENDOVENOSO - 700 mg  
Cada frasco-ampola contém:  
N-(pirrolidinometil) tetraciclina... 700 mg
- TETRIN ENDOVENOSO - 350 mg  
Cada frasco-ampola contém:  
N-(pirrolidinometil) tetraciclina... 350 mg
- TETRIN I. M. - 150 mg  
Cada frasco-ampola contém:  
N-(pirrolidinometil) tetraciclina... 150 mg
- TETRIN I. M. - 350 mg  
Cada frasco-ampola contém:  
N-(pirrolidinometil) tetraciclina... 350 mg



absorção rápida e eficaz no local da aplicação intramuscular

LABORTERAPICA-BRISTOL S. A. — Ind. Química e Farmacêutica  
RUA CARLOS GOMES, 924 (SANTO AMARO) SÃO PAULO

# um concurso de «poesia» os dez mandamentos para viver bem na f. m. u. s. p.

J. Augusto de Souza Jr.

Doze concorrentes e vinte e seis trabalhos foram os números finais do concurso realizado entre nós por promoção do Departamento Cultural; normas bastante elásticas regulamentaram o concurso a fim de que fosse o maior possível o número de concorrentes; em suma, bastava ser aluno de nossa Faculdade para poder concorrer. Tendo em vista esses fatos e sabendo que contamos com aproximadamente seiscentos colegas, pode parecer que o concurso tenha despertado pouco interesse; é possível, mas não acreditamos. Pensamos mesmo que o interesse tenha sido maior que o esperado; não acreditamos em um número paradoxalmente tão grande e isto não por pensarmos que os poetas devam necessariamente sair das escolas de letras.

Não. Que acreditamos que haja poetas em todas as partes; a ecologia poética é para nós ilimitada, não havendo uma restrição de ambiente para que a poesia possa nascer; acreditamos apenas na delimitação de sensibilidade, colocada esta além de um marco mínimo, abaixo do qual não é possível a geração da poesia. Também, não acreditamos na igual qualidade dos poetas, ou na validade de todo tipo de poesia ou tentativa de poesia. Porque nem todos os que escrevem são poetas e nem todos os poetas escrevem. E, entre os que escrevem, há aqueles que não resumem a poesia ao momento da criação, mas, trabalham-na, amadurecem-na, aceitam e debatem dúvidas sobre a própria criação, amam essas dúvidas e resolvem-nas ou não antes de considerar terminado seu trabalho. A seu lado existem os poetas de trabalho não tão metódico e, conseqüentemente, não atingindo a excelência dos primeiros e que se chegarem a tal estatura, será simplesmente por acaso. E a série continua, integrada pelos que não burlam seus trabalhos, verdadeiros poetas do acaso e mais os poetas da moda e mais os poetas para concursos. E seguem-se ainda entre os que escrevem, aqueles que não fazem poesia e que, por mais que que trabalhem, nunca passarão de meros versificadores. Por último, há os poetas que não escrevem, os poetas pela própria condição, por sua estatura humana e que talvez, numa hipótese não muito remota, sejam os verdadeiros poetas.

Pois, em nosso concurso, à parte a última escala citada, houve de todos os outros tipos de concorrentes, dando como resultado uma gama de qualidades com tão grandes discrepâncias que se torna impossível uma visão geral, um balanço, por assim dizer, do concurso. Atingiu-se um nível satisfatório? Não cremos e, infelizmente, boa vontade e qualidade são, para nós, coisas absolutamente distintas. Seria altamente cômodo para nós, que também concorreremos, se pudessemos concluir pela excelência dos resultados, pela realização plena de todos os concorrentes como poetas e pelo brilhante futuro literário de cada um de nós; entretanto não acreditamos nisso e, portanto, não poderíamos afirmá-lo e cremos também que a quase totalidade dos concorrentes, em se analisando sem paixões, estará de acôrdo conosco. Porque percebe-se nitidamente que os trabalhos não foram burlados, que foram escritos de um fôlego e abandonados em uma gaveta à espera de uma oportunidade para sua apresentação, à espera de um concurso ou à espera do esquecimento. Em suma, pareceu-nos que os trabalhos nasceram já considerados prontos e ficaram à espera

de crítica. Mas, se literatura não é isso; se especificamente a poesia não é isso e se o que menos deve interessar a nós, poetas em busca de confirmação desse estado, dessa condição de ser poeta, é a crítica a nossos trabalhos; se o que nos deve primariamente interessar é o nosso próprio trabalho, é o saber se ele nos é tão necessário e indispensável quanto o próprio respirar. Dizemos isso, evidentemente para aqueles que pretendem realmente militar no campo da literatura, para aqueles que não entendem a poesia como um simples passatempo, como um micro refúgio onde lançar amores frustrados ou desilusões passageiros, fazendo versos que são imediatamente lançados na gaveta como o álbum de selos depois de colada a série recentemente comprada, ou abandonados, como o amor perdido, por um novo, ou ainda substituídos como a velha ilusão por uma outra. Não. E' para os realmente poetas, para aqueles que pretendem realmente trabalhar, pesquisar, criar novas formas, novos rumos; e estes, temos certeza, não de concordar conosco, não sentirão mágoas por se verem atacados, porque não se sentirão atacados, mas apenas justificados. Provavelmente alguém há de discordar e nós lhe pediremos que examine seus trabalhos, que os reveja, que leia os poetas universalmente considerados bons e que tente uma comparação feita em termos de dimensão poética, de excelência de trabalho e de acôrdo que após isto, aquele que discordou, concordará que seu trabalho está a carecer de maior cuidado de maior polimento e, quem sabe mesmo, de maior inspiração.

E é, então, sem tentativa de desencorajar todos que tiveram boa vontade de participar do nosso concurso que nós sugerimos que cada qual faça uma análise da sua produção, dos motivos que o levam a escrever, da sua disposição para o trabalho, da importância da literatura para si. Feita esta análise, se se optar pelo sim, se se sentir que a necessidade de escrever existe, se a opção for pela excelência do trabalho e pela autenticidade da inspiração, então é hora de lançar-se ao trabalho, de abandonar o interesse pela crítica pouco convincente e talvez pouco válida; é hora de lançar-se à busca de uma obra unitária guiada, creio eu, mais pelo intelecto que pelo coração, mais julgada que sentida, mas na qual se sentirá o peso, a dignidade, a estatura do poeta, que faz da poesia o seu rumo, o seu caminho e não apenas um atalho.

Mas infelizmente nós concorreremos; entregamos trabalhos ainda ingênuos à crítica do senhor Guilherme de Almeida. Foi a curiosidade de saber da validade e excelência do nosso talento, foi o desejo de concorrer, ou o de mostrar que havia poetas entre nós, ou simplesmente o desejo de colaborar? Não sabemos; para cada um o motivo é diferente, pessoal e talvez mesmo inapreensível. E, dessa forma, havendo concorrentes, houve concurso; e em todo concurso, a não ser que se especifique previamente que todos os trabalhos podem ser recusados por não atingirem o nível exigido, devem ser apontados os vencedores; e isso não implica num critério absoluto de qualidade, é apenas um valor relativo. E, creio, não entramos em concurso para saber se nossa poesia é melhor ou pior que a de tal ou tal. Se indevidamente nos submetemos à crítica foi para saber do valor absoluto de nossos tra-

balhos. Mas os concursos de um modo geral apresentam um grande inconveniente, o de não se saber se os vencedores foram os melhores ou os menos ruins.

## primeiro lugar

### autorretrato

Marden Ivan Negrão

Eu passo o tempo  
Contemplando o mundo  
Enquanto o tempo-vento  
Passa, segundo após segundo.  
Numa carreira louca  
E sem sentido  
Indiferente a tudo  
Ou comovido  
Assisto ao próprio drama  
Uma vida vazia  
De quem mais luta do que  
lama.  
De quem se sente  
Um verso sem poesia.

## segundo lugar

### há quinze luas desfeitas.

J. Augusto de Souza Jr.

Há quinze luas desfeitas  
nos teus olhos sem ventura

Teresa das quinze luas  
uma delas no meu peito  
as outras não têm mais jeito  
o céu delas se apagou.

Pranto das quinze noites  
que nas águas derramei  
ficou nas nuvens gravado  
mas eu posso te dizer  
Teresa das quinze luas  
que um dia há de chover  
tristeza sem outras mágoas.

E a lua que hoje existe  
já não será lua triste.

## terceiro lugar

### realização

Eder Trezza

Um vento mudo escapa  
Da amplidão do mar,  
Tornando-se, na praia soco-  
lçada,  
Brisa carinhosa, que escorre  
Brisa carinhosa, que escorre  
Em fios finos  
Pelos cantos dos meus olhos  
Confundindo-se com meus  
cabelos.

O silêncio cantarola em meus  
louvidos  
Canções nunca escutadas,  
De paz, socôgo e felicidade,  
Sonhados há muito tempo  
Por outros corações em so-  
lidão.

Nesse instante em que a es-  
curidão  
E a quietude me envolviam,  
Tive vontade de ser ilha,  
Desamparada e sózinha,  
Tentada pelas águas balou-  
çantes,

Para, num átimo,  
Diluir-me no oceano,  
E depois, na noite,  
Subir ao firmamento,  
Onde, numa prece  
Escreveria seu nome com es-  
trêlas.

Especialmente para você que está se iniciando, dando seus primeiros passos dentro da carreira maravilhosa dos "anjos de branco", aqui vão dez mandamentos, cu melhor, conselhos que lhe serão muito úteis:

I) Não seja bom aluno, esforçado, "crente" Isso só lhe trará dissabores, gozações dos colegas, noias injustas e inimigos gratuitos. Estude apenas o necessário, e se possível pelos últimos tratados, como os de Claude Bernard e Paracelso. Mantenha-se em dia com a *Physiologia*, *Chymica*, etc.!

II) Cumprimente, nos corredores, a tudo e a todos, principalmente os professores e aqueles que serão residentes, quando você for interno.

III) Dê logo a todos a impressão de ser um perfeito "cientista do amanhã", auxiliando, como um "Gênio em Potencial", algum professor a procurar a Pedra Filosofal, o Elixir da Longa Vida, ou seja um protótipo de circunção, assassinando pobres cães, esvaziando o Biotério, para contar-lhes os dentes ou estudar minuciosamente a anatomia, fisiologia, fisiopatologia, etc. dos músculos abanadores da cauda: este último estudo ser-lhe-á particularmente valioso, pelos conhecimentos que lhe trará, utilizáveis necessariamente e realmente aplicáveis quando você estiver no H.C. "aguardando vez".

IV) Projete seu nome como colaborador de algum "cobra", traduzindo literatura ou fazendo bibliografia de trabalhos atuais e palpantes, como por exemplo: "Contribuição para o estudo do atrito entre os cílios superiores e inferiores do *Buffus marinus* durante o seu peslanear nas tardes mornas, às margens do lendário rio Tietê, com especial referência às variações nos meses de fevereiro dos anos bissextos" onde o autor demonstra

por A mais B que o animalzinho pisca um dia a mais nesses meses, ou ainda "Sobre" e inexplorado campo das anastomoses porto-cava ou "A importância do tonus da válvula ileo-cecal na irrigação linfática do quarto ventrículo"

V) Não fale mal do D.F. ou melhor, não fale do D.F.

VI) Quando estiver conversando um professor (note bem: eu disse "Conversando um professor", e não "Conversando com um professor") discorra insistentemente contra a injustiça clamorosa que representa a exiguidade de espaço oferecido ao seu Departamento, em comparação com o desperdício de instalações e dependências cedidas ao vizinho de pavimento (a este, você dirá exatamente o inverso).

VII) Jamais demonstre boa-vontade em sua classe, caso contrário, você logo estará anotando as aulas, compilando-as, datilografando-as, imprimindo-as e finalmente distribuindo-as sob a forma de apostilas, enquanto seus queridos colegas aguardam-nas serenamente, com duas pedras em cada mão, e com elogios prontos, impubescíveis a uma pessoa muito querida.

VIII) Arrume um meio de ganhar dinheiro, deste você vai precisar e muito, porque os livros estão caros. O emprêgo mais comum é o de

propagandista de laboratório. Atualmente, todos estão com esses cargos ocupados, entretanto você poderá fazer propaganda de outros laboratórios, como por exemplo: laboratórios clínicos, fotográficos, etc.

Outra fonte de renda são as aulas particulares; você goza de prestígio lá fora, julgam-no "uma capacidade" (eles não o conhecem direito). Aproveite e leccione Zoologia, Botânica, Química, Matemática Ginasial, Colegial ou Celestial. Enquanto não descobrirem sua "grossura" leccione tudo, Física, Meafísica, Educação Física, Canto, Violão, Bailado, etc.

IX) Leve sempre no bolso direito do seu avental a revista "Esso", no bolso esquerdo o último exemplar de "Novos Rumos" e no bolso trazeiro de sua calça cabe perfeitamente um catecismo. A ordem aqui na FMUSP é: "Estar inteiramente de acôrdo com o grupo mais próximo". Em outras palavras: você deve aderir sempre, deve ser um camaleão, variando sua cor segundo a vizinhança.

X) Finalmente: jamais aceite a incumbência de escrever "qualquer coisa" para O Bisturi. É difícil! O máximo que se consegue na maioria das vezes é escrever "coisas".

Fuja do pessoal de O Bisturi.

SILVANO

## DR. NOBERTO BELLIBONI

Moléstias da Pele — Alergia — Sífilis — Livre Docente da Clínica Dermatológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Consult.: Praça da República, 386 - 9.º andar Conj. 93 — Consultas com hora marcada — Tel. 36-5141 — Resid.: Rua Bueno de Andrade, 708 Apt. 4

## DR. TERTULIANO DE ARÊA LEÃO

Rua Ruy Barbosa — Santo Anastácio — Estado de S. Paulo

## Dr. Nelson Augusto Pedral Sampaio

C.R.M. 2066 — Ex-Interno do Hospital das Clínicas — Obstetria e Ginecologia — Cons.: Viaduto 9 de Julho, 181 10.º - Sala 1001 Tel. 36-4989 — Res.: Av. República do Líbano, 592 Telefone: 80-6559

## MÓVEIS DE AÇO

# PADRÃO

Fabricantes de:

- ♦ COFRES
- ♦ MAPOTECAS
- ♦ ARQUIVOS
- ♦ ARMARIOS DE
- ♦ FICHÁRIOS
- ♦ ESCRITÓRIOS E
- ♦ MESAS
- ♦ DE BANHEIROS

Dirija-se à

## PADRÃO Indústria Metalúrgica e Comércio S. A.

Av. Celso Garcia, 3215 — Fones: 9-3165 e 35-9097

Enderêço Telefônico: «Padrolita» — Caixa Postal, 10.636

## POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGÉLICA

Camillo Morelli & Irmão Ltda.

Onde V. S. encontrará todos os produtos da famosa linha Texaco.

GASOLINA MOTOR OLEOS GRAXA ACESSÓRIOS

Especialidade em filtro de óleo para todos os tipos de automóveis.

ATENÇÃO E CORTESIA — Confiam os seus carros ao POSTO DE SERVIÇO TEXACO ANGÉLICA os Médicos, Alunos e Funcionários do H. C.

leia "anais científicos" traço de união das nossas faculdades

# saúde e calouros

JACYR PASTERNAK

Caluro, talvez você não tenha percebido mas a direção desta Faculdade toma as mais rigorosas providências para que os aqui ingressantes sejam indivíduos fortes, saos e robustos, obrigando-os para este fim a efetuarem um rigoroso exame médico na Faculdade de Higiene. Não sei como foi este ano, ou se foi, mas na minha já remota época, quando Cantídio ainda pontificava do alto de sua aorta e os dinossauros uivavam pelo formoso jardim do dr. Dante, ele consistia numa duríssima prova. Lembrar-me-ei eternamente do dia glorioso em que, recém-calourado, apareci para ser examinado não apenas por um mas por toneladas de doutores, indivíduos que com a natural inexperiência da juventude considerava então como unguidos do Senhor e na mesma esfera dos Santos.

Primeiramente enviará-me ao ortopedista, que descobri num cubículo estreito onde cabiam apenas ele e um Gibi, ambos nas mais cordiais relações amistosas.

A minha entrada passando despercebida esperei uns 20 minutos antes dele notar minha insignificante presença, e como espontaneamente não aparecia nenhuma manifestação de contacto do cavalheiro com o mundo exterior tossi, espirrei, rugi, berrei, até que ele aborrecido levantou os olhos e rosnou:

— Quantos pés e mãos o sr. tem?

— Dois.  
— Dois, tudo junto?  
— Não dr., dois de cada.  
— Suponho então que está tudo em ordem. Suma! — e voltou a mergulhar no Gibi.

Dirigi-me então ao gabinete dos cardiologistas, especialidade difícilíssima, como o prof. Decourt irá cansar de dizer séculos a fio, e que portanto precisava de dois examinadores, que encontrei numa animada discussão clínica? a qual naturalmente não ousei interromper:

— Tive um caso bellissimo ante-ontem. Um garoto com três sopros agudos com reforço no último, coisa como nunca vi mesmo depois de dois anos de prática na 2.ª C.M.

— E o que era? O garoto tinha dispneia, edema, etc?  
— Não, negava tudo, pior

que o Lupion Tive que escavar a história, até descobrir que a família morava ao lado de uma estação da Sorocabana.

— Não, isto não é nada perto do meu último caso. Um indivíduo que nunca tinha sentido nada antes aparece de repente com todos os sintomas clássicos de coarctação da aorta.

— E daí?  
— Daí que procurando na anamnese e conversando muito com o paciente, que demorou para confessar, consegui apurar que ele engolira recentemente um carço de abacate, o que devido as intimas relações entre esôfagos e aorta...

Tendo tombado no recinto um silêncio respeitoso julguei prudente esclarecer minha presença:

— Vim para um exame...  
— O sr. tem palpitações?  
— As vezes.  
— E namorada?  
— As vezes.  
— As mesmas vezes?  
— As vezes.

— Estranho seria se não as tivesse. Pode prosseguir. Passei pela sala de pesagem, onde meu peso foi medido e um médico me estendeu um bilhete que dizia: "Você faz amigos com facilidade, tem grandes possibilidades de adquirir fortuna daqui a alguns meses e deve tomar cuidado principalmente com elementos do sexo oposto".

Dei-lhe uma moeda de dois cruzeiros e me dirigi ao hepatologista, jovem de aspecto sério que resolvia uma história em quadradinhos do Estado.

— O sr. já ficou amarelo alguma vez na sua vida?

— Frequentemente, doutor.

— Em que circunstâncias?

— Naquela vez em que adormeci encostado numa cerca e os pintores não perceberam, e numa outra quando ao cantar o Hino Nacional, no CPOR, pelo velho sistema? de abrir e fechar a boca notei o coronel me olhando fixamente. Deve ter sido o reflexo da gloriosa bandeira...

— O sr. já teve dor no hipocôndrio direito?

— Sim, numa luta de box.

— Isto é mais grave. Precisamos resolver o seu caso.

Passe na clínica que lhe aplicaremos o novo método de Vasconcelos para diagnos-

tico diferencial entre coleco e vesiculopatias.

— Como é que é?

— E' cedo para você aprender, mas consiste na ligação do paciente ao detector de mentiras. Ai é só perguntar aonde dói, que se for no cístico e o cara disser coleco, por exemplo, o aparelho registra...

Agradei enternecido e fui para o corredor onde fui capturado por um patologista:

— Você sabe do que vai morrer?

— Felizmente não.

— Nem nós, que vamos fazer sua autópsia e continuar não sabendo. Ha! Ha! Ha!

Ao fugir a alta velocidade interceptou-me um gastroenterologista:

— Alguma dificuldade em engolir?

— Depende da pilula.

— Digere bem?

— Como uma jiboia.

— Já sentiu alguma dor que passa com as refeições?

— Sim, quando não há refeições anteriormente.

— O sr. está com uma úlcera, problema eminentemente psicológico, segundo Vasconcelos, e para o qual o digno mestre faz gastrectomia total psicológica, hipnotizando o enfermo e convencendo-o que não tem estomago...

— E funciona!?

— Muito bem, só que dá "dumping" em 100% dos casos.

Cada vez mais assustado entro arrasado na sala do Psiquiatra, que se entretém atirando os arquivos pela janela, enquanto uma multidão furiosa começa a se reunir lá em baixo.

— O sr. é sac?

— Acho que sim...

— Eu também. Pode retirar-se. Está aprovado.

E pendurou-se no lustre sussurrando: Darwin tinha razão!

Finalmente passei pelo fisiologista, que tirou uma chapa de pulmão e imediatamente escreveu o relatório falando da absoluta limpeza dos campos pulmonares. Ao lhe pedir a radiografia para recordação ele disse que ainda não estava revelada, e quando me ofereci para passar no dia seguinte confesso que já estava no lixo.

Agradei, em todo caso, a boa vontade.

Voltei a sala do início e lá o clínico geral me recebeu com um sorriso:

— Parabens, o sr. foi brilhantemente aprovado. Acabou o exame. O sr. é agora um estudante da FMUSP.

Lágrimas desceram dos meus olhos, com tamanha emoção.

— Não tente falar. Controle-se. Não desmaie de felicidade. Tem 6 anos para se arrepender...

Graças a última reflexão consegui conter-me e fui embora, jurando um dia, dentro dos meus miseros esforços, ser digno da magnífica Faculdade que tanta consideração demonstrara pela minha saúde.

## TORRES

comprimenta, congratulando-se com os doutorandos de 1960 da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Departamento de Divulgação Científica



## g. t. m. - uma iniciativa artística

WALTER COLLI

Quando nos decidimos a formar um Grupo de Teatro na Faculdade tínhamos em mente criar alguma coisa de Arte que fugisse da rotina da simples observação e crítica. Para nós é óbvio que o contacto com o trabalho artístico é essencial para uma formação universitária razoável, além de proporcionar higiene mental a quem o pratica, porque nos coloca junto a uma atividade intelectual diferente daquela que costumamos praticar todos os dias.

Entretanto, da idéia, passar à execução não foi fácil: contamos com a inexperiência e com dificuldades técnicas em todos os sentidos. Isto explica o que foi feito, desde a escolha da peça até a lentidão dos ensaios que culminaram com três dias de apresentação no fim de outubro. Para mim o importante era levar o Grupo à representação, porque de um modo ou do outro isto significaria a implantação do

G. T. M. como instituição na Escola. Todas as vezes que surgiam dúvidas entre um prejuízo estético e a continuidade do trabalho, nós optávamos pela última com a crença de que melhores formas poderiam ser atingidas nos anos subsequentes, e que evidentemente, só seria possível se a primeira representação se efetuassem.

Em poucas palavras, para aqueles que ainda não sabem, podemos dizer que essa representação se revestiu de êxito. A opinião dos colegas, que para nós é a mais importante, foi favorável. Algumas pessoas criticaram a escolha da peça que, segundo eles, não transmitia mensagem alguma. Este aspecto não esteve em cogitação; nós a escolhemos por ser comédia e por tratar de um assunto referente à nossa profissão futura. Achei que com isso se chamaria mais a atenção de todos. Entretanto, posso responder aos "criticadores" do texto que, embora ele es-

teja tecnicamente ultrapassado, o mesmo não se dá com o problema nele contido, eminentemente sócio-psicológico e cada vez mais atual.

Este ano nós pretendemos continuar. Surgem, no entanto, dificuldades quanto à organização, em virtude do trabalho enorme que ela acarreta. Muito embora haja dificuldades quanto ao estabelecimento de uma nova direção, haverá, certamente alguém que tome a peito o trabalho e dê continuidade a ele. Com a experiência que adquirimos, melhorar-se-iam as condições técnicas e outras peças de significação social, psicológica ou política poderiam ser levadas.

Enfim, eu espero que isto aconteça e para tal estou trabalhando; meu desejo é que o Grupo de Teatro da Medicina (este é o seu nome) se estabeleça como uma instituição tão tradicional quanto o "show" ou a prática das modalidades desportivas.

Aos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo as homenagens do Corpo Clínico do Hospital e Maternidade São Luiz

Rua Nilo Peçanha, 101 — Caixa Postal, 777 — Telefone: 1171/1172  
PRESIDENTE PRUDENTE — Est. de São Paulo

Ortopedia — Traumatologia — Análises Clínicas — Banco de Sangue — Serviço de Pronto Socorro

Dr. Adoniro Cestari  
Clínica Geral e Cardiologia  
Dr. Moacyr Cestari  
Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetria  
Dr. Alceu M. Carvalho Jr.  
Radiologia Clínica  
Dr. Osvaldo Garcia Maldonado  
Pediatria  
Dr. João Antonio Voza  
Analista.

Dr. Ruy Dutra Barroso  
Endoscopia Per-Oral  
Dr. Ennio Botelho Perrone  
Cirurgia Geral e Urologia  
Dr. Mário Buzzi Filho  
Clín. Geral Apar. Digestivo  
Dr. Osvaldo Garcia Maldonado  
Pediatria  
Dr. João Antonio Voza  
Analista.

## Casa de Saúde Humaitá

Medicina — Cirurgia — Maternidade

Diretores:

DR. S. DANACHI

DR. N. LOUZADA

Residente:

DR. H. CAMPELLO

ABERTA A TODOS OS MÉDICOS

Rua Humaitá N.º 409 — Fone: 32-7019

São Paulo

Aos doutorandos de 1961 da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo

as homenagens da

# C I B A

Produtos Químicos Ciba S. A.

FILIAL S. PAULO:

AV. ADOLFO PINHEIRO, 3414 — FONE: 61-2181

CAIXA POSTAL, 3678

# contato com a miséria

contacto com a miséria — trabalho paleativo — caridade ou justiça  
— c.z.o.c. e l.a.p. — estruturação do l.a.p. para 1961

JOÃO YUNES

## CONTACTO COM A MISÉRIA

A impressão inicial de quem chega pela primeira vez a uma favela, é de repugnância. Logo, esta cede lugar a uma revolta contra tudo, contra todos, contra a estrutura dominante no país, contra si próprio.

Depois surge uma grande disposição para reformar aquilo. Esgota-se, cansa-se de se angustiar e vem, então, um desânimo triste. É se importante para fazer qualquer coisa proveitosa. E, sente-se uma revolta ainda maior, que tende, ou para indiferentismo ou para uma busca de conhecimento a respeito de tal problema. A primeira atitude é destrutiva, e só traz uma tremenda frustração e desesperança de solução. Já, a consciência e conhecimento do problema, leva a uma quase satisfação pessoal. A uma angústia salutar: sabe-se que não será possível mudar as coisas em alguns meses, mas tem-se a certeza de poder influir sobre as mentalidades e de pelo menos, agitar o assunto no meio em que se vive, e fazer mais algumas pessoas saírem da mediocridade em que estão e se interessarem um pouco por indivíduos menos felizes.

## TRABALHO PALIATIVO

Quando procuramos meditar e entender melhor o nosso trabalho na favela uma das principais dúvidas que nos ocorre, diz respeito ao verdadeiro significado e finalidade da LAP e de suas campanhas.

Não será um trabalho paliativo demais e portanto inútil?

O problema não é de estrutura social, exigindo então uma ação mais ampla? Tudo isso nos ocorre, certamente, porque ainda não descobrimos todas as dimensões desse nosso trabalho. Ele será paleativo se entendido como solução material imediata para o problema de favela. Sob este aspecto, a LAP não pretende ser de fato uma solução final.

Porém, considerando inicialmente o valor humano que tem a assistência que prestamos a essa população marginal, as nossas visitas semanais a favela, passam a ter todo um aspecto construtivo. Se nós — universitários — se encararmos como oportunidades de uma abertura para o problema médico social, para o problema do próximo que sofre.

São estas duas idéias: a idéia do servir e a idéia do social, que deverão marcar todo o sentido de nossa futura profissão.

Será a partir da vivência de todos os problemas desta humanidade favelada, que nós, agora comprometidos com uma situação infra-humana, deveremos nos formar para que então como profissionais conscientes, possamos traçar diretrizes para solução do problema.

Abertas todas as perspectivas, o trabalho na favela deixa de ser analisado como paleativo, para ganhar uma força positiva de sede de justiça.

## CARIDADE OU JUSTIÇA?

Assim como o problema do trabalho paliativo supõe uma ação em favela supõe uma outra dúvida.

Nós vamos à favela para fazer caridade ou justiça? O que é realmente caridade? É possível caridade sem justiça?

O maior escândalo na vida do favelado não é a falta de cobertas, do lar, da saúde, ou de educação. É falta de realização humana.

E, para isso, nós não temos solução quase nunca. Quando temos, é a solução da caridade. Será caridade?

Nós ficamos com dó, nós vacinamos, nós damos assistência médica. Mas isso não

é caridade! Isso nós fazemos para socegar a nossa boa consciência de burgueses auto-suficientes e bem instalados.

Caridade, entretanto é dar o que é nosso, o que Deus nos deu. Mas se ficarmos com o que é deles e ostentarmos dar o que não nos falta, estaremos fazendo caridade?

Antes de fazer caridade é preciso fazer justiça. Justiça é dar ao favelado o que é deles, o que Deus lhe deu. O favelado antes de merecer nossa ajuda, tem direito a melhor condição de vida, a maior participação na vida da sociedade.

Os que têm fome, têm direito ao pão, os escravos têm direito à liberdade, os ignorantes têm direito à verdade, os homens têm direito à vida humana. Enquanto esses direitos não forem res-

to de grupo social. Iniciou-se nas favelas de zona urbana de São Paulo, onde foram atendidos os primeiros doentes. A falta de conhecimentos das favelas e dos favelados, bem como a visão falsa e otimista da possibilidade de realização da Liga, conduziu a diversos embaraços. A extensão dos problemas das favelas e necessidade próprias da manutenção e funcionamento da LAP exigiam mais do que esperávamos e as dificuldades crescentes, carência de médicos, estudantes, ambiente e instrumental adequados, medicamentos e apoio financeiro, levaram-na quase ao fracasso. Entretanto, reconhecida por todos como necessária, e de grande utilidade para os favelados, graças à atuação do nosso CAOC, a LAP continua funcionando com todas as possibilidades de superação de suas dificuldades.

Como experiência serviu para atender de imediato às necessidades dos favelados e para levantar o problema das favelas na Faculdade, tanto para professores, como para alunos, despertando o interesse destes para um problema social.

A nossa atuação teria então diversas conclusões:

1.0 — A atuação e participação do universitário na solução de problemas sociais do País.

2.0 — Formação política e social do universitário.

3.0 — Maior prestígio de universitários diante da população e classe médica.

3.0 — Melhor compreensão dos problemas profissionais e iniciação da medicina como serviço.

5.0 — Contribuição para a valorização profissional.

6.0 — Visão política social aplicada à profissão.

## PROGRAMA DA LAP PARA 1961

O programa da LAP para 1961, constitui uma série de medidas, para tornar a assistência prestada nos seus ambulatórios, algo mais eficiente do que vem sendo até o momento. Resumidamente poderíamos citar os principais planos:

1.0 — Conseguir um nú-

## arte fotográfica SHOJU TOJO

Em agosto passado, foi criado pelo CAOC o Departamento Fotográfico cuja finalidade é a de documentar flagrantes da vida acadêmica, difundir conhecimentos relativos ao assunto e estimular entre nós o gosto pela arte fotográfica, através de exposições de trabalhos dos nossos colegas no mural e a formação de uma biblioteca especializada.

Última forma de arte a surgir na civilização humana (é praticamente deste século) a princípio não foi considerada como tal, mas apenas como uma técnica, um conjunto de processos mecânicos, ópticos e químicos para registrar aspectos pré-existentes no mundo, sem que houvesse uma criação artística ou interferência da alma humana.

De fato, assim acontecia com os primitivos fotógrafos preocupados antes de tudo com a nitidez da imagem, a fidelidade máxima ao modelo. Com isto as fotografias mesmo sendo de lindos objetos (paisagens, flores, retratos, flagrantes da vida humana) resultavam frias, impessoais e estáticas, obedecendo sempre aos mesmos enquadramentos e iluminações.

Modernamente, porém, os fotógrafos passaram a se preocupar não mais com o aspecto mecânico dos objetos, mas com a sua significação, com o que eles exprimiam; enfim, buscavam uma interpretação do mundo. Já não importava mais a



Acordemos para esta Miséria

mero maior de médicos do Hospital das Clínicas.

2.0 — Desenvolver o trabalho em conjunto com outras ligas do CAOC (especialmente a Liga de Puericultura e Liga de Combate à Sífilis).

3.0 — Entrar em contacto com outras entidades que se interessam pelo problema e principalmente interessar elementos de outras faculdades, no sentido de ampliar a assistência aos favelados.

4.0 — Conseguir a remoção de doentes infecciosos e doentes graves em geral para o H. C. e Hospital Emilio Ribas.

5.0 — No setor de Medicina Preventiva, organizar vacinação de toda a população infantil, principalmente.

6.0 — Aumentar o número de postos e melhorar as condições de cada um já existente.



Condições de vida

pura nitidez das imagens, nem sua beleza exterior. Objetos e cenas as mais banais (um homem andando por uma rua, uma menina espiando pela janela, uma garrafa sobre a mesa, sombras, luzes, linhas e formas abstratas ou surrealistas) poderiam constituir-se em um quadro de alta significação, tudo dependendo da sensibilidade artística do fotógrafo.

(Enquadramentos, cortes, ampliações, utilização de filmes de sensibilidades diversas, de câmaras de vários tipos, de lentes grandangulares ou teleobjetivas, flash, filtros, contrastes, jogo de luz e sombras, solarização, inversão, focalização, aclaramento, escurecimento, sobreposição de imagens, etc.).

Aliás, a realidade aparente passou mesmo a ser deformada e transfigurada intencionalmente, através dos vários processos e truques fotográficos... para o artista poder exprimir melhor sua visão do mundo. Como esta visão depende do conjunto de ideologias e sentimentos próprios de cada indivíduo, a fotografia deixou de ser impessoal para refletir a personalidade do seu autor. Temos então fotografias líricas, patéticas, satíricas, realistas, inconformistas, pessimistas, alegres, intelectuais, etc.

Em resumo, a fotografia deixou de ser tão somente um documentário exterior do mundo para se tornar tratado da alma humana; deixou de ser apenas técnica para se elevar à condição de Arte.

## INDICADOR MÉDICO

### PROF. DR. JOSE' MEDINA

Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina e na Escola Paulista de Medicina — Moléstias de Seúhoras — Partos — Operações — Consult.: Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1234 — Tel. 32-2902 — Resid.: Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 1030 — Tel. 32-7073 — Consultas das 14 as 19 hs

### DR. PLINIO BOVE

Médico — Docente da Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Doenças do fígado, Via biliares e pancreas — Consult. Av. Ipiranga, 1064 — 2.º andar — Tel. 34-2719 — São Paulo

### DR. NELSON CAYRES DE BRITTO

Cirurgião — Consult. Rua 7 de Abril, 230 4.º andar — Tel. 34-1525 — Resid. Rua Cardeal Arco Verde, 650 — Tel. 8-3692 — São Paulo

### DR. RADYR DE QUEIROZ

Doenças Pulmonares — Consult.: Rua da Consolação, 65 — 3.º andar — Telefone: 34-9877 — São Paulo

### DR. ARMANDO DREYER

C. R. M. 5563 — Especialista em Doenças dos Olhos — Rua Siqueira Campos, 466 (Esquina Rua Nilo Pecanha) — Tel. 195 — Presidente Prudente — Estado de São Paulo

### CLINICA NOSSA SENHORA APARECIDA

DR. PAULO NOGUEIRA DE SOUZA — Doenças do Coração — Eletrocardiografia — C. R. M. 5620 — S.P. — DR. HEDO GONÇALVES — Ortopédia — Traumatologia — C.R.M. 5561 S.P. — Avenida Brasil, 504 — Fone: 1103 — Cx. Postal, 872 — Presidente Prudente — Estado de São Paulo

### DR. GERALDO ALVES PEDROSO

Reg. C.R.M.S.P. N.º 365 — Livre Docente pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Ortopedia — Traumatologia — Cirurgia — Doenças dos Ossos e Articulações — Fraturas — Reumatismo — Paralisias — Defeitos Físicos — Consult.: Avenida Rebouças, 517 — Telefones: 80-4444 e 8-2602 — Horário: 2.as, 4.as e 6.as feiras das 8,30 às 10,30 e das 7 horas em diante — Residência: Rua Bela Cintra, 1642 — Telefone: 80-6291 — São Paulo

### DR. KENJI NOMIYAMA

Médico — C.R.M. 1481 — Residência: Rua Afonso Celso, n.º 1012 — Fone: 7-8755 (Recados) — Vila Mariana — Consultório: Praça da Liberdade, 77 2.º andar Conj. 4 — Telefone: 35-1850 — São Paulo

### CLINICA RADIOLÓGICA "MORETZSOHN DE CASTRO CATALANO

Rádio diagnóstico - planigrafias - radiografias em domicílio — Radiologistas: DRS. JOSÉ MORETZSOHN DE CASTRO, VICENTE CATALANO, AFONSO VITULE FILHO, JOSÉ RIBEIRO DE MENEZES NETO, OSWALDO JESUS DE OLIVEIRA LIMA — Rua Marquês de Itú, 1018 — Telefone: 52 1701

### DR. RENATO DA COSTA BOMFIM

Especialista em Ortopedia Fraturas — Clínica: Rua Albuquerque Lins, 902 — Fones: 52-1209 e 52-6992 — São Paulo

### DR. JAIME ABOVSKY

Rua Itapeva, 500 - 3.º andar - Tel. 34-7802  
Rua Consolação, 3144 - Tel. 8-4743 — São Paulo

### DR. ANTONIO P. CORRÊA

Docente Livre da F.M.U.S.P. — Otorrinolaringologia — Surdez e Vertigens — Tratamentos e Operações — Praça da República, 386 - 5.º andar - Fone: 36-5944 — Das 14 às 18 horas — São Paulo

### DR. ARNALDO CALEIRO SANDOVAL

Médico Clínico — Doenças internas, especialmente das glândulas de secreção interna — Consultório: Av. Paulista, 2669 — Tel. 51-9666 — Resid.: Av. Paulista, 1793 — Tel. 31-3782

### CASA DE SAÚDE SÃO PAULO

Clínica Médica — Cirurgia Geral — Partos — Ginecologia — Eleticidade Médica — Transfusões de Sangue — Oxigenioterapia — Raio X — DR. HAROLDO F. CERÁVOLA — Diretor — Rua Siqueira Campos, 790 — Tel. 1022 - Caixa Postal. 144 — Presidente Prudente — Estado de São Paulo

### DR. HIROCI TOQUECI

Médico — C.R. - N.º 5611 — Clínica Geral — Cirurgia — Rua Major Felício Tarabay, 684 — Tel. 212 — Presidente Prudente — Estado de São Paulo

### LABORATORIO DE ANÁLISES

#### DR. J. F. TOGNOLI

R. Gurgel, 208 - Tel. 857 - Cx. 690 - Pres. Prudente S. Paulo

### DR. LINCOLN FERNANDO MENDES

C.R.M. 8462 — Medicina Interna — Exame Cardiovascular completo (Radioscopia e Eletrocardiografia) — Estudo Preventivo da Arteriosclerose com Orientação Dietética — Rua Major Tarabay, 410 — Tel. 791 — Presidente Prudente

### DR. NILMO J. SIRIO

Olhos — Ouidos — Nariz — Garganta — Rua Joaquim Nabuco, 681 — Tel. 156 — Santo Anastácio — Est. de São Paulo

### DR. CASSIO V. PENTEADO

Médico — Rua Maylaski, 165 — Tel. 276 — Santo Anastácio — Estado de São Paulo

### DR. M. SHIBUYA

Médico — Rua Osvaldo Cruz, 242 - Tel. 225 — Sto. Anastácio

### DR. CIDÔNIO LEMOS JARDIM

Médico — Clínicas Médica — Ginecológica — Eleticidade Médica — Resid. e Consul.: Rua Ribeiro de Barros, 1673 — Tel. 208-A — Cx. Postal 1100 — Presidente Prudente

### DR. RUY DUTRA BARROSO

Ouidos — Nariz e Garganta — Endoscopia Per-Oral — Consult.: Rua Nilo Pecanha, 102 - Tel. 862 — Resid.: Rua Major Felício Tarabay, 308 - Tel. 1177 - Presidente Prudente

### QUIMIOTERAPIA ANTE-NEOPLÁSTICA

Serviço Especializado — DR. ANTONIO CARLOS C. JUNQUEIRA — Rua Santa Cruz, 398 — Tel. 70-0141 — S. Paulo

### CLINICA DE OLHOS ARMANDO GALLO

Viaduto 9 de Julho, 181 - 9.º andar - Tel. 35-4159 S. Paulo

# o prof. odoríco fala ao o bísturí

1) *E' verdade que o Departamento de Anatomia está adotando um sistema de Tutoria?*

R) Há vários anos que o Departamento de Anatomia atribui um pequeno número de alunos a orientação de um assistente. Periodicamente estes alunos se reúnem com o assistente para uma conversa na qual se dão informações sobre o curso e suas exigências; na qual se esclarecem dúvidas e também se procura despertar o interesse dos alunos pela matéria, apontando-lhes de forma elementar, as etapas da investigação científica e a consulta às fontes de informação bibliográfica geral e especializada.

O ideal da Tutoria, isto é, ter cada aluno entrevistas individuais periódicas com um tutor, dependerá de número suficiente de pessoal docente de que no momento não dispomos. Isto não impede que parte ao menos dos objetivos da Tutoria seja alcançada, pois que cada aluno pode a qualquer momento, dirigir-se a um membro do corpo docente e obter os esclarecimentos desejados, o que é possível pelo regime de tempo integral de trabalho.

2) *Qual a nova orientação da Cadeira em relação ao ensino?*

R) Não houve propriamente orientação nova, o que houve foi simples medida administrativa para facilitar o estudo da osteologia, como seja a entrega aos alunos, de uma pequena coleção de ossos para estudo individual. Se algo há de novo, já vem de 2 anos para cá, quando se adotou o estudo da osteologia entrosado com o de miologia e o da artrologia, para melhor rendimento, tendo em vista o valor funcional das estruturas. Assim ao estudar determinado grupo de músculos e as articulações com as quais eles se relacionam, ao mesmo tempo vão sendo estudados os ossos aos quais se fixam aqueles músculos e os que compõem a

articulação ou articulações por eles mesmos movidas.

No restante não houve alteração em relação ao que se vem fazendo, tendo em vista proporcionar os princípios gerais básicos para compreensão da construção do corpo humano, com destaque, sempre que possível, do valor funcional das estruturas, até mesmo com demonstrações "in vivo" quando possível. E' claro que estes aspectos e também o valor prático dos dados anatômicos, isto é, suas aplicações à medicina, são mais desenvolvidos no curso do 2.º ano, de Anatomia Topográfica, a qual por indole é uma anatomia aplicada.

3) *Por que o fumo na Sala de Dissecção não é permitido?*

R) Antes de tudo pelo respeito devido ao ambiente, dada a natureza do trabalho que nele se realiza. Nisto vai uma intenção educativa que deve se iniciar cedo, pois na sua atividade futura, o médico em inúmeras circunstâncias deverá abster-se de fumar, em respeito a dignidade de seus clientes, como pessoas. Mas também tendo em vista maior rendimento do trabalho, pois que facilmente poderá estar trabalhando realmente, o aluno que estiver fumando e como o horário é restrito, deve ser aproveitado ao máximo. Não será exagerado sacrifício do aluno, abster-se de fumar durante o pouco tempo que duram os trabalhos práticos. De outro lado há a considerar o incomodo para os que não fumam, razão que dita a proibição de fumar nas salas de espétaculos, nos ônibus, etc. E finalmente não é de menosprezar o que isto representa como cooperação para a limpeza das salas sobretudo tendo em conta a deficiência de pessoal nos Departamentos em geral, sem falar do aspecto higiênico do problema.

4) *Sabemos que o Professor é contra a música no porão. Quais as razões que o movem a tal?*

R) A formulação da pergunta é quase ofensiva, pois que não se concebe alguém de certo nível cultural que seja contra a música em si mesma. Não é necessário lembrar a influência da música na atividade intelectual e nem mesmo suas finalidades terapêuticas. Mas para tudo na vida há lugar apropriado e momento oportuno. Declaramo-nos contra a música "no" porão. Os senhores alunos não devem esquecer ou antes devem saber, pois que parece, nem todos o sabem, que a Faculdade é uma casa de estudo permanente. Em todos os seus Departamentos, fora das aulas, há pessoas em estudo. Os próprios alunos em seus trabalhos extraordinários, ou professores, assistentes, estagiários, monitores, etc., em estudos pessoais. De qualquer forma, todos, indistintamente, têm o direito de serem respeitadas as suas horas de estudo, que somadas, abrangem o dia todo e parte da noite.

Nestas condições julgamos inadequada a colocação dos alto-falantes no porão, já que o Centro Acadêmico tem salas próprias. Além disso, qualquer que seja a situação dos mesmos, deveriam ser graduados de forma a não se ouvir a música nos laboratórios. Naturalmente o Departamento de Anatomia pela sua situação é o que mais sente os ruídos do porão (e nem sempre a música tem M maiúsculo...) e é contra eles que vimos pedindo providências da Direção da Faculdade.

5) *Teve o Departamento participação no fechamento dos portões laterais do porão?*

R) Já de longa data vimos solicitando a atenção da Diretoria da Faculdade para o fato de serem os nossos corredores um prolongamento da rua, por onde transitam pessoas desconhecidas, sem qualquer obstáculo. Isto atenta contra a segurança do patrimônio que se acha nos vários Departamentos da Faculdade. De outro lado, o fato de não haver possibilidade de fechamento dos laboratórios, impede qualquer providência no sentido de evitar as depredações em certas manifestações coletivas dos estudantes. Certamente estes fatos para os quais o Departamento de

Anatomia tem pedido a atenção da Diretoria da Faculdade, determinaram o fechamento dos portões laterais do porão, como medida preliminar, restringindo a circulação interna, aliás, com grande benefício também para os próprios alunos quando em estudo neste Departamento, pois que o vazerio dos passantes desapareceu dos corredores do mesmo.

6) *Qual a sua opinião a respeito de atividade extra-curriculares?*

R) Evidentemente só podemos ter palavras de louvor e incentivo para que os estudantes desenvolvam suas atividades extra-curriculares, sejam artísticas, literárias, esportivas, sociais ou outras. Mas não podemos aceitar que tais atividades sejam programadas dentro dos horários escolares no nosso reduzidíssimo ano letivo. Os senhores estudantes certamente não atentaram para o fato de ser o ano letivo total, de apenas 8 semanas, no máximo, quando tudo corre normalmente.

E' imprescindível que o estudante tenha em mente este fato e mais a imensa responsabilidade social que assumiu, ao ocupar um lugar na Faculdade de Medicina. Esta é mantida pela coletividade na esperança de receber, de futuro, serviços médicos de alto nível, condizente com o sacrifício que se impôs para formar médicos competentes. Esta convicção deve levar o aluno de medicina ao máximo de atividade, em virtude de suas responsabilidades futuras no seio da coletividade. Assim, parece que não lhe será difícil entender que não se condenam as atividades extra-curriculares, o que se condena é o fato de serem tais atividades programadas nos horários das aulas, com evidente prejuízo para o estudo.

## novamente reformada da atletica

A nova diretoria da Atletica inaugurou suas atividades com uma reforma, esperando, até o fim de sua gestão, conseguir melhoramentos em todas as suas dependências.

Antes mesmo de termos conhecimentos de seus projetos, já pudemos notar o início dos trabalhos, o que, aliás, é o importante. E, em princípio, tivemos a "profilaxia" da piscina, isto é, a eliminação da luxuriante vegetação, bem como das áreas lamacentas que a cercavam. Ainda devemos lembrar que o nosso campo que esteve "careca" por algum tempo, já se encontra plenamente gramado.

Estas primeiras realizações contaram com o apoio, não só moral, mas também braçal, de uns poucos calouros, alguns veteranos (quase só diretores da Atletica) e um professor.

Para um futuro, que esperamos seja próximo, estão programados:

- 1 — Construção de um novo e adequado vestiário feminino.
  - 2 — Ampliação e reforma do vestiário masculino já existente, por meio da renovação dos armários e instalação nos chuveiros de água do D.A.E., porque, como sabemos, a nossa é insuficiente.
  - 3 — Murar e calçar suas dependências.
  - 4 — Iluminar a quadra descoberta de basquete.
  - 5 — Trocar a instalação elétrica do ginásio.
  - 6 — Remodelar as pistas de atletismo.
  - 7 — Pôr a quadra de Tênis em funcionamento.
  - 8 — Asfaltar a rua que liga o HC à Atletica, o que estará, naturalmente, na dependência da Prefeitura Municipal.
- Finalizando queremos dizer que louvamos a iniciativa de nossos atuais dirigentes esportivos e esperamos sinceramente que as reformas não se limitem ao entusiasmo inicial e sim obtenham êxito total.



## o que vai...

(Continuação da últ. pag.)

**PAR E RESTAURANTE: Restaurante** — Foi reaberto com b'a receptividade, parecendo agradar a todos. A Diretoria do Centro conseguiu doação de 20 dúzias de pratos, da Porcelana Real S.A. no valor de Cr\$ 24.000,00 (vinte e quatro mil cruzeiros) e copos da firma Nadir Figueiredo S.A., num total de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros). A estas indústrias deixamos aqui, os nossos mais sinceros agradecimentos. Pretendemos, através da verba de alimentação, fornecer gratuitamente leite aos sócios do C.A.O.C. Bar — Temos recebidos algumas reclamações e estamos tentando saná-las com a maior brevidade; infelizmente devido a inflação, seremos obrigados a fazer uma revisão nos preços atuais.

**CASA DO ESTUDANTE:** A grande novidade da C.E.M. foi a da tesouraria voltar para as mãos dos colegas que residem na Casa. A Diretoria para 1961 ficou assim composta: Presidente, Ulisses Tassinari; Secretário, Aurelino Ferreira Jr.; Tesoureiro, Jorge Fauze Carvalho Silva.

O preenchimento das vagas está sendo feito após consultas à Diretoria do Centro, Diretoria da Casa e principalmente o D.B.A.V.C.

**DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES:** Dando prosseguimento ao seu programa de atividades, o D.P. lançará, ainda este mês, a nova edição do "Guia de Farmacologia", em multilite, formato livro, nos padrões dos já existentes de Medicina de Urgência, Eletrocardiografia, Sínulas de Clínica Psiquiátrica, Puericultura Neo-Natal, Fisiologia do Aparêlho Digestivo, Curso de Neurologia (2 volumes).

Está em fase preparatória, para breve lançamento, um "Guia de Clínica Dermatológica" Para tanto, contamos com a valiosa colaboração do prof. dr. Sebastião Sampaio e seus assistentes.

Outras publicações entrarão brevemente no prelo:

1º Toxologia Clínica, de autoria do dr. Nemésio Bailão, que já é nosso eminente colaborador, através da publicação da "Norma de Observação Clínica", já conhecida e divulgada entre os colegas.

2º Um trabalho do dr. Enéas B. Fusco sobre temas de urgência em Ortopedia (redução de fraturas, enfaixamentos, bandagens, etc.) já em fase final de elaboração.

Trata-se de publicação de caráter fundamental prático e didático, que virá preencher uma lacuna, pois não há, em nosso meio, nenhum trabalho que satisfaça as necessidades do Médico Prático no que tange ao assunto.

Estas novas publicações virão enriquecer o patrimônio editorial do nosso Departamento. Aguardem-nas...

## balanço das atividades esportivas da a. a. 3. oswaldo cruz no ano de 1960 nos torneios da f.u.p.e.

**Atletismo** (Estímulo Masculino: 2.º lugar; Estímulo Feminino: 3.º lugar; Rev. Olímpico: 2.º lugar; Rev. Sueco: 1.º lugar; C.U.P. Masculino: 5.º lugar; C.U.P. Feminino: 2.º lugar) — **Beisebol** (Torneio Início: 4.º lugar; C.U.P.: 5.º lugar) — **Ciclismo** (Torneio Início: 6.º lugar; C.U.P.: 4.º lugar) — **Esgrima** (C.U.P.: 4.º lugar) — **Futebol** (Torneio Início: 2.º lugar; C.U.P.: 3.º lugar) — **Halterofilismo** (Torneio Início: 1.º lugar; C.U.P.: 1.º lugar) — **Hípismo** (Torneio Início: 2.º lugar; C.U.P.: 4.º lugar) — **Judo** (Torneio Início: 3.º lugar; C.U.P.: 2.º lugar) — **Natação** (Torneio Início: 3.º lugar; C.U.P.: 2.º lugar) — **Natação** (Torneio Estímulo Feminino: 2.º lugar; Torneio Estímulo Masculino: 1.º lugar; C.U.P. Feminino: 1.º lugar; C.U.P. Masculino: 2.º lugar) — **Polo Aquático** (Torneio Início: 4.º lugar; C.U.P.: 4.º lugar) — **Tênis** (Torneio Estímulo: 2.º lugar; C.U.P. Feminino: 3.º lugar; C.U.P. Masculino: 3.º lugar) — **Tênis de Mesa** (Torneio Início Feminino: 3.º lugar; Torneio Início Masculino: 3.º lugar; C.U.P. Feminino: 2.º lugar) — **Tiro ao Alvo** (Torneio Estímulo Feminino: 1.º lugar; Torneio Estímulo Masculino: 4.º lugar; C.U.P. Feminino: 3.º lugar; C.U.P. Masculino: 3.º lugar) — **Voleibol** (Torneio Início Feminino: 4.º lugar; C.U.P. Feminino: 4.º lugar) — **Xadrez** (Torneio Início Relâmpago: 6.º lugar).

Os resultados acima foram obtidos graças ao esforço e dedicação de todos os alunos.

Esperamos neste ano de 1961 alcançar maior brilhantismo levantando a Taça Eficiência da FUPE e vencer a XXVII Mac-Med; para isto necessitamos a colaboração de todos, comparecendo regularmente aos treinos. Lançamos um apelo especial aos calouros para que treinem com afinco em todas as modalidades esportivas.

Eis as provas da FUPE do mês de maio pedindo sua atenção e participação ativa nas competições:

1º de maio, 2ª-feira, as 9,00 hs, no DEFE: Torneio Início de Voleibol (fem.) — 8 de maio, 2ª-feira, as 19,30 hs., no C. R. Tietê: Início do CUP de Basquete (masculino) e Início do CUP de Voleibol (fem.) — 9 de maio, 3ª-feira, as 19,30 hs., no A.C.M.: Torneio Início de Bola ao Cesto (fem.); na mesma hora, no Pacaembu: Início do CUP de Futebol de Salão — 13 a 21 de maio, em Sorocaba: Jogos Universitários Paulista do Interior MAC-POLI — 23 de maio, 3ª-feira, as 19,30 hs., no C. R. Tietê: Torneio Estímulo Tiro (m.f.) e no Pacaembu: C.U.P. de Futebol de Salão rod. — 24 de maio, 4ª-feira, as 19,30 hs., no C. R. Tietê: Torneio Estímulo de Tênis (m.f.) — 25 de maio, 5ª-feira, as 19,30 hs., no C. R. Tietê: Torneio Estímulo de Tênis (m.f.) — 26 de maio, 6ª-feira, as 19,30 hs., no C. R. Tietê: Torneio Estímulo de Tênis (m.f.) — 28 de maio, domingo, as 14,30 hs., no Y. C. Sto. Amaro: Taça Universitária e Colegial de Yatismo.

O maior espectro anti-bacteriano!

# ESTREPTO QUEMICETINA

CARLO ERBA



A única associação a base de cloranfenicol e estreptomicina administrável por via parenteral, garantindo a ação contemporânea dos dois antibióticos.

**ação bacteriostática do cloranfenicol + ação bactericida da estreptomicina**

principalmente nas:

- Estafilococcias
- Osteomielites
- Pneumopatas e Empiemas tuberculosos
- Coqueluche
- Febre tifoide — Bruceloses

Frasco-ampola contendo succinato de cloranfenicol equivalente a 1 g. de cloranfenicol e 0,500 g. de estreptomicina, acompanhado de uma ampola de diluente de 10 cm<sup>3</sup>.

Ampola contendo succinato de cloranfenicol equivalente a 0,250 g. de cloranfenicol e 0,125 g. de estreptomicina, acompanhado de uma ampola de diluente de 2,5 cm<sup>3</sup>.

PRODUTO LIOFILIZADO

Carlo Erba do Brasil S.A.  
Indústria Químico-Farmacêutica

Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 3465, Brooklin Paulista  
Fone: 61-6898 — Caixa Postal, 21.006 — SAO PAULO

# noticiando e comentando

Após pintar o sete no Vestibular, resolve o professor Junqueira pintar a Atlética. Fazendo esfregaços de tinta, pode ser visto o professor (com imersão) lá trabalhando pelas manhãs.

O terror das molas e amortecedores, o conjunto de buacos que une o H. C. à Atlética será transformada numa via pavimentada.

Para tanto já está se movimentando junto ao Magnífico Reitor da nossa Universidade. A Diretoria da Atlética para a obtenção de cascalho e areia das obras da Cidade Universitária.

Novamente passaram a soltar no pátio lateral, cachorros que passam por experiências totalmente letais. Esses cães vão aos poucos tomando conta do referido pátio, agredindo os colegas que por ali passam com seu forte cheiro de putrefação.

A respeito do caso pediram ao Dr. Dante Nese que relesse a carta aberta publicado de mil novecentos e blicada no número de Maio sessenta de "O Bisturi".

**DIZEM QUE NO EXAME DE MICRO** do ano passado apresentou-se ao professor Lacaz um destes alunos brilhantes. O professor mostrou-lhe um pé completamente deformado por pápulas, nódulos, etc.; que evidentemente pedia biópsia e perguntou:

— Então, este caso pede, pede...

Depois de pensar um pouco o colega respondeu com um vitorioso ar de inteligência:

— Pé-de-atleta professor!

Outra greve que terminou com uma vitória contra o carrancismo, na FEI. Entre outras reivindicações nossos colegas conseguiram ter um representante no CTA, questão aliás sobre a qual não chegou sequer a haver grande debate. Aqui continuamos na mesma e eterna situação: todo o mundo está de acordo, o estudante deve fazer parte da direção da Faculdade, é suficientemente evoluído, maduro, etc, etc., a sagrada congregação

vai pensar no assunto e fica tudo como está para ver como fica. Até mesmo o famigerado projeto de diretrizes e bases prova a presença de um representante dos alunos na Congregação. Este pasquim lançou há tempos uma campanha neste sentido, mas ao que parece nossos queridos mestres, após muitos pronunciamentos a favor, resolveram lançar uma pedra sobre o caso. Já é tempo de desenterrar esta do túmulo das idéias perdidas, antes que ela se putrefique irreversivelmente

2 — Calouro, você que já ouviu falar tanto em Cláudio Bernard e não sabe porque aprenda que esta personagem, junto com o Sapo constitui a base de toda a fisiologia e que sem invocações aos espíritos de ambos jamais alguém poderá efetuar qualquer experiência destas vitais e revolucionárias, como as que o Dr. Lacaz faz com a cornazina das preguiças.

Os diretores da Biblioteca num afã construtivo percorreram as editoras e conseguiram uma bela quantidade de livros. Até aí tudo bem mas os livros são classificados (pasmem leitores) pela ordem de chegada. Armanando por vizinhança Cornélio Pires e Dostoiévski que estarrecidos contemplam Marx e Engels abraçados a uma Bíblia.

Uma visitinha dos responsáveis à nossa Biblioteca Central e um bate-papo com as bibliotecárias traria ordem a este caos.

"O Bisturi", prosseguindo em sua política panelística abriu suas recheadas burras e subornou os redatores do "Jornal do Calouro", atual órgão oficial do CAOC para evitar a menção aos novos colegas do seu nome não havendo assim a quebra da panela.

O curso de iniciação a pintura moderna, patrocinado pelo Departamento Cultural do CAOC teve um êxito imprevisto e o anfiteatro de Psiquiatria tem sido pequeno para conter as multidões embevecidas que ocorrem

pressurosas a aumentar a sua cultura estética. Até mesmo o professor Odorico deu o ar de sua presença.

O bar deste sempiterno CAOC, que já antes concorria eficientemente para o estado de anemia e desnutrição crônica em que se encontram os alunos da FMUSP tem aperfeiçoado ainda mais nestes últimos tempos o seu mecanismo altamente eficiente de enviar novos pa-

cientes à clínica do professor Mignone, diminuindo a escassa dose de pó de barata e carregando na cultura aquosa de salmonelas esfaimadas que compõe a outra parte do assim chamado café.

A Poli em greve. Lá quando percebem que certos professores estão no último grau da arteriosclerose cerebral tomam alguma providência. Aqui, ainda não...

Despertados pela recente greve da Escola Politécnica que põs a vista novamente as berrantes deficiências da nossa estrutura universitária, calcada em padrões medievais e onde se destaca o problema da catedra vitalícia e frequentemente hereditária, o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz tenciona estudar seriamente as melhores maneiras de se acabar com esta situação que vem prejudicando incontáveis gerações de estudantes. Do jeito que está, com varias "igrejinhas" onde o auto-elogio campeia nunca poderemos sair do estágio colonial, cientificamente falando, em que nos encontramos; nunca teremos um ensino que forme profis-

sionais decentes de que este Brasil tanto precisa, porque de charlatões já temos número suficiente. O CAOC considera também a primordial importância a representação do Corpo Discente na direção e administração da Faculdade, para que o ensino seja feito para o aluno e não para contentar o Ego exuberante de muitos mestres e para que nossas reivindicações sejam solucionadas sem a necessidade de constantes greves que afinal de contas são atualmente nossa única arma. Esperamos o apoio dos demais Centros Acadêmicos a estes anseios, que, cremos, são gerais e unicamente nossos.



ANO XXVIII | Diretor: Clemente I. Ribeiro de Almeida | Casa de Arnaldo, Abril de 1961 | Diretor Técnico Comercial: Reinaldo Fagundes Michel | N.º 98

## o que vai pelo c. a. o. c.

**DEPART. DE MEDICINA PREVENTIVA** — O D.M.P. vai se preocupar nos próximos meses, até as férias de julho, com a resolução de dois problemas:

a) estudo dos estatutos do Departamento;

b) incremento ao funcionamento das ligas existentes.

Como se sabe a idéia da criação desses departamentos, visava a centralização dos trabalhos atinentes às ligas assistenciais. Podemos agora dizer que o plano vem se coroando de crescente sucesso, para o que tem concorrido de maneira decisiva o apoio da Diretoria do C.A.O.C. e dos Presidentes das Ligas.

Acreditamos que até julho tenhamos os estatutos ultimados e, conseqüentemente o Departamento registrado nos órgãos competentes. Veremos então concretizado um velho sonho dos alunos desta Faculdade.

O movimento das ligas existentes tem crescido dia a dia e, podemos dizer, sem exagero, que se acompanha de uma ordenação que ainda não víamos anteriormente. Com efeito os Presidentes de Ligas têm apresentado a esta direção boletins relativos ao movimento das mesmas, os

quais serão apresentados a todos alunos, tão logo tenhamos em mãos o mural do Departamento. É nossa intenção fazer através desse mural, uma divulgação completa das ligas procurando chamar a atenção dos colegas para o real valor das mesmas.

Finalmente, para o segundo semestre trataremos da reabertura das ligas que, por qualquer motivo, encontram-se paradas e, evidentemente, também serão motivos da nossa preocupação outros problemas que surgirem a esse tempo.

No momento temos em franca atividade as Ligas de Febre Reumática, Ambulatórios Populares, Puericultura e Sífilis, cujos presidentes tem demonstrado grande competência na sua direção.

Damos a seguir os nomes dos Presidentes e horários de funcionamento das ligas:

**Liga de Combate a Febre Reumática:** Wilson Federico. Às 3.a e 6.a-feiras a partir das 15 hs., no 7.º andar H.C.

**Liga de Ambulatórios Populares:** Marilda Moreno Moura. Aos domingos, pela manhã em 6 (seis) favelas de São Paulo.

**Liga de Puericultura:** Paulo Bezotti. Às 4.a-feiras a partir das 15 hs. na Pediatria (5.º and. H.C.).

**Liga de Combate a Sífilis:** Edson Fraga da Silva. Aos sábados a partir das 14 hs. no 3.º and. do H.C.

**Daniel Pinto**  
2.º V.-Presidente do CAOC

**DEPARTAMENTO CIENTÍFICO:** Sob a orientação da 2.ª Clínica Médica (prof. Luiz V. Decourt), com a participação dos alunos do 4.º, 5.º e 6.º ano, iniciou-se no dia 5 de abril, no anfiteatro da Clínica (6.º andar, H.C.) um curso de Endocardite Bacteriana; os melhores trabalhos apresentados nas reuniões, serão publicados na Revista de Medicina.

Para início de maio pretende o Departamento iniciar o curso de Medicina de Urgência. Entre julho e agosto teremos os cursos de Reumatologia, Eletrocardiografia, Semidologia Abdominal e Patologia do Aparelho Digestivo, ministrados pelos maiores nomes no assunto.

**DEPARTAMENTO SOCIAL:** O nosso tradicional baile "Noite de Maio" será dia 6 (seis) de maio na Casa de Portugal, às 22 hs.

**DEPARTAMENTO CULTURAL:** O D.C. viza concretizar neste semestre, além do curso de Iniciação à Pintura, que já esta se realizando com pleno sucesso, a formação de uma Discoteca há tanto sonhada. Continuará, além disso, conseguindo os costu-

meiros abatimentos nos diversos teatro e na Pró-Arte, e realizará em fins de maio, como despedida, uma audição de música popular. Dia 24 de abril colaborará com o D.F. na sua festa de aniversário, na qual serão entregues os premios aos vencedores do Concurso de Poemas. E não se esqueça que conseguiu para você livros de arte e discos com grande desconto.

**TEATRO:** O G.T.M. voltará novamente a apresentar uma peça no 2.º semestre que, sem dúvida nenhuma, reproduzirá o espetacular sucesso das três representações do "Dr. Knoch - O Triunfo da Medicina" no ano passado.

**BIBLIOTECA:** Desde 1.º de janeiro foram retirados 185 livros!; a Anita, Barone e o Assad estão empenhados numa ativa campanha para conseguir doações maciças. E os calouros...? Onde estão os livros prometidos?

**D.B.A.V.C.:** O Departamento Beneficente "Arnaldo Vieira de Carvalho", visando fundamentalmente a obtenção de empregos para os colegas mais necessitados, tentará realizar a seguinte programação para 1961:

a) **estruturação do "laboratório de análises clínicas do D.B.A.V.C."** Este laboratório de análises clínicas funcionará nos vários departamentos da Faculdade, sendo suas pesquisas feitas pelos próprios alunos. Nele o colega estará trabalhando dentro da escola e em contacto com a Medicina;

b) **a criação de uma agência de aulas particulares.** Os Colégios encaminhariam os pedidos de aulas para o D.B.A.V.C., que se encarregaria de distribuí-las entre os colegas mais necessitados e competentes;

c) **desenvolver um programa de ação junto aos laboratórios** no sentido de se conseguir que os empregos de representantes, sejam distribuídos através do DBAVC, segundo um justo critério de necessidade.

**CURSO DE LÍNGUAS:** Alemão — Funciona, sob a orientação do Ingrid e Gerd, na hora do almoço e após as aulas. Aqueles que se interessam por Bolsas de Estudo, convém lembrar que o Diploma fornecido pelo Instituto Hans Staden é reconhecido na Alemanha.

**Inglês** — O curso é orientado especialmente para estudantes de Medicina, pois ensina nomes e expressões idiomáticas referentes a nossa profissão. As aulas são ministradas através da revista Squire, seguindo o sistema básico da U.C.B.E.U. Para maiores informações procure o Fanganiello (4.º ano).

**CENTRO DE DEBATES:** É o órgão do C.A.O.C. encarregado de colocar o estudante de Medicina em contato, de maneira mais prática possível, com a realidade sócio-econômica brasileira. É o Departamento que se encarrega da realização de conferências e debates sobre política, economia, problemas sociais nacionais e internacionais.

É contado do C.D. realizar este semestre uma série de conferências sobre os diversos problemas que agitam o povo brasileiro, tais como: Medicina Social, Projeto de Diretrizes e Bases da Educação, Reforma Universitária, Eletrobrás, etc.

Para o segundo semestre está sendo planejado um curso de Economia Política.

Qualquer colaboração deve ser encaminhada aos colegas Canguçu (5.º), Berilo (3.º) e Barone (2.º).

**FARMÁCIA:** Atividades da Farmácia do Estudante entre o período de 7 de março a 7 de abril de 1961:

Amostras distribuídas: ... 2.108; alunos, funcionários e médicos: 1.233; Ligas — Amb. Populares: 616; Comb. à Febre Reumática: 198; Combate à Sífilis: 37; Puericultura: 24.

**COOPERATIVA:** São as seguintes as novas diretoras para este ano: Cleusa e Kioko (3.º); Lurdes (2.º); Milene, Maria Zélia e Wilma (1.º), continuando como conselheiras as colegas Regina e Ivanilde (4.º).

Como fato lamentável na COOP é o fato de estarem devendo Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros!); isto nos leva à obrigação de terminar com as vendas a prazo. Colegas "cooperemos" com a COOP!!!

**DEPARTAMENTO DE FOTOGRAFIA E DESENHO:** A criação desses Departamentos veio preencher uma lacuna que existia no nosso Centro. Os efeitos já se verificam, pois o mural do Departamento está sempre repleto das mais belas fotos. Não deixe de colaborar com o Luiz Ianagui (4.º), basta ter uma máquina e gostar de fotografar.

Está sendo providenciada uma sala para a Seção de Desenho, pois a Marisinha precisa pintar num atelier especial.

**GABINETE ODONTOLÓGICO:** O atual responsável é o colega Antônio Carlos de Campos (2.º), que tentará dar uma maior divulgação dos bons serviços do dr. Remo Brasil entre nós.

O consultório está aberto nas 2.a e 5.a-feiras das 9 às 13 hs.

Aos calouros de 1961  
ex-alunos do CURSO 9 DE JULHO  
as homenagens  
e votos de felicidades na  
Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo

CURSO  
9 DE JULHO

— DE —  
VESTIBULARES DE MEDICINA  
Geraldo Camargo de Carvalho

Praça da Liberdade, 262  
1.º e 2.º Andar  
São Paulo